

MARÇO

MARÇO de 1916



ANNO 3

Revista
Feminina

N.º 22

COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS DE JUTA

FIANÇA E TECELAGEM
FABRICA em SANT'ANNA

ANIAGENS - - - - SACCARIA
TAPETES - - LONA BRANCA

Lona de côres para colchão, etc. Fios de JUTA
simples ou torcidos, de qualquer grossura ---

ESCRITORIO:

RUA ALVARES PENTEADO No. 24

Caixa Postal N. 342 :: Telephone N. 872

Endereço Telegraphico: "JUTA" - S. PAULO

Codigos: Particular, Ribeiro, A. B. C. 4. e 5. Edição, A. 1.

S. PAULO :—: BRASIL

SÓ

E' CALVO QUEM QUER
PERDE O CABELLO QUEM QUER
TEM BARBA FALHADA QUEM QUER
TEM CASPA QUEM QUER

Porque o
PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a
sua queda, faz vir uma barba forte e sa-
da e faz desaparecer completamente a
caspa e quaisquer parasitas da cabeça,
barba e sobrancelhas. Numerosos casos de
curas em pessoas cunctadas, provam a sua completa efficacia.

BEXIGA. RINS. PROSTATA. URETHRA

A UROFORMINA GRANCLADA de Giloni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos
intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado na influencia renal,
cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephritis, urethritides chronicas, inflamação da prostata, catarro da bexiga, typho abdomi-
ninal, uremia, diathese urica, uricas, calculos, etc. — A' venda em todos os Estados e no

Deposito: Drogeria Francisco Giffoni & C. — Rua 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

ANNO III

SÃO PAULO, MARÇO DE 1916

NUM. 22

PROPRIEDADE
DA EMPREZA
FEMININA
BRASILEIRA

Revista
Feminina

DIRECTORA:
VIRGILINA DE
SOUZA SALLES

REDAÇÃO:
ALAMEDA GLETTE, 87

Preço para venda avulsa:
600 réis

ASSIG. ANNUAL PARATODO O
BRASIL 78000
TELEPHONE No. 6004

MARÇO



ERA o primeiro dia de Carna-
val. O céu muito azul; o
sol muito brilhante; o jar-
dim festivamente enflorado;
a casa toda em festas.
Da rua vinha alegre voze-
rio; o riso infantil dos gui-
son dos dominós; o casquin-
har estridido dos mascara-
dos; o ruído quadrupedante
dos animaes de tiro, entre-
meiados pela voz aflautada do falsete
carnavalesco.

Não havia ainda automoveis, nem
confetti, nem serpentinas... As mu-
camas, de cabellos enrolados em fi-
tas de côres vivas, iam tirando da
forma as «laranjinhas», que os mole-
ques, alegres e peraltas, enchiam com
água perfumosa. Vinha da cosinha o
cheiro appetitoso do leitão que se
tostava ao fogo, do capão que se
doirava ao forno.

De uma porta ligeiramente entre-
aberta surgia um braço nũ de moça
ou de menina, que reclamava uma
saia, uma fita, uma liga. Cruzavam-
se recomendações e lembretes. Que
não se demorassem; era quasi che-
gada a hora do prestito e nas janel-
las, obtidas de favor ou alugadas
com antecedencia, da rua da Impera-
triz, os lugares não eram muitos, que
não devesssem faltar para os retardá-
rios.

Moleques atanzados passavam a
correr com um jarro de água, com
um par de sapatos lustrados, com
umas calças brancas, impeccaveis de
alvura, de brilho, de engomnado;
mucamas, de folhas de malva chei-
rosas ás orelhas, cruzavam-se, com
meias, com ligas, e porque não dizer,
com anquinhas, envoltas em uma co-
berta, como mandava o pudor!

Tudo se movia, tudo se apres-
sava, tudo andava no lar, como que
picado pela tarantula de Momo.

O primeiro a apparecer era o
velho coronel, ou o grisalho major
ou o ainda robusto capitão; de col-
larinho alto, de bicos largos, paletó
de lustrina, calças brancas e sapatos
pretos, em cujo salto brilhava o doi-

rado da espora ou galhardo e mar-
cial, no seu uniforme militar, cujas
dragonas não regiam e cuja espada
arrastava-se, escandalosamente sole-
nne, pelas taboas largas e desiguaes
do assoalho.

Era o commando que surgia im-
perioso e impaciente, de relógio na
mão — aquelles grandes e exactos ce-
bolões antigos — a tocar a reunir,
com a sua voz grossa e auctoritaria.

E tudo redobrava então de mo-
vimento; cahiam objectos pelos quatar-
ros; arrastavam-se cadeiras; escravos
e mucamas rodopiavam aos encon-
trões e aqui e alli, ouvia-se a adver-
tencia:

— Sinhô já está prompto!

No salão, impaciente, o arrastar
da espada ou o ruído dos passos, de
longo ao largo, marcava a urgencia
dos ultimos minutos.

Já se aprestavam os moleques,
com as bandejas de ferro batido á
cabeça, cheias de laranjinhas, em di-
recção á rua e á passagem, avoz grossa
do commando, marcava os pontos de
concentração das munições. Um devia
esperar-o á porta, outros deviam aguar-
dal-o ao alto da escadaria, outros no
salão.

Surgia então sinhá, a abanar-se
furiosamente com o seu grande leque
de pennas, acompanhada de uma theo-
ria de mucamas, que a compunham
a afinetes. A voz do commando re-
cebia-a com uma admoestação:

— Estamos na hora, é preciso ir
ver as meninas ou não achamos mais
lugar.

As «meninas» por sua vez, dos
quartos, clamavam anciosas; havia um
objecto que lhes faltava, uma saia que
se desbragava, um penteado que não
regia, uma malfadada «maneira» que
não se fechava.

E aquelle typo admiravel de mãe,
corria atribulada e carinhosa, de um
quarto a outro quarto e á cosinha e
ao salão, para que nada faltasse á
familia que sabia para o folgado e
aviam para a ceia.

A um ultimo aviso, já quasi ris-
pido, do commando, surgiam as si-
nhasinhas amuadas, umas a concerta-
rem as outras e todas a clamar:

— Já vamos, papae! A gente não
pode sair á rua feito Judas.

E lá iam todos; na frente as me-
ninas; mais atraz sinhô de braço com
sinhá e ainda para traz, as mucamas
e os moleques.

No centro da cidade, havia povo
á upa e o atropello, permitia aos
lanquidos adolescentes de então, todos
poetas, todos trovadores e todos de
bastas cabelleiras, murmurar madi-
gaes aos ouvidos das suas Dulcineas,
cujo sorriso morria torcido na dor de
um beliscão, que a vigilancia materna
lhes esgueirava na confusão tumultua-
ria.

Chegavam afinal ao velho sobrado
da rua da Imperatriz; as meninas em-
bragadas com o movimento, com o
ruído festivo, com a alacridade que
de tudo emanava; o velho coronel,
ou o grisalho major ou o ainda ro-
busto capitão, revoltado com a garotice
despudorada dos «estudantes» e a bôa
«sinhá», aparentemente zangada, na
sua physionomia sempre publicamente
enfadada, por virtuosa.

Desde a escada, as laranjinhas
cruzavam-se e da escada ao salão, era
uma saravada continua e gritinhos e
risos e folgança.

Toda a gente se conhecia, toda a
gente avisinhava na raça e no sangue.
A cidade era um mytho. A familia
separava-se apenas por numerosa, mas
em cada casa, em cada sala, em cada
lareira, havia o mesmo sangue, as
mesmas tradições e o mesmo culto.

Lindo tempo selvagem!...
Já o clarim dos «Permanentes á
cavallo» soam agudos e vibrantes.
Correm todos ás janelas. A caval-
gada luzidia desponta brilhante. Os
corações femininos, cheios de emoção,
como pobres passaros captivos, batem
assustados. — Lá vem elle, oh Deus
meu e como vem galhardo e lindo,
fazendo dançar a sua lança, engalan-
nada de fitas e de guizos! Olhará para
mim? Lá em frente, ha dois olhos
que o buscam anciosos!

Passou; olhou-me; riscou os ares
com a sua lança e abateu-a humilde
á minha janella...
Um sorriso vem-lhe da alma aos
labios.

Ha em frente dois olhos que se
apagam e talvez um soluço a morrer
numa garganta.

O zabumba ensurdecedor da «con-
gada» succede aos guapos cavalleiros

e a negrada, ao som dos pandeiros, abre-se em redemoinho dançando em círculo, às cabeçadas, ao redor do «ho» velho, de olhos, diadema de papelão, capa roçagante, feita com a cauda do vestido de «nhanhan». Sucedem-se os cordões; ha preferências; entusiasmados partidários irrompem em palmas frementes das janellas; ha «carnavaes» conservadores, e «carnavaes» liberaes.

Acabam de passar os cordões; ao fundo surge o carro triumphal de apothecose e logo após, todo o ar se decora com o brilho fulzante dos sabres da guarda de honra, que dansam ao trote febril dos cavallos militares, vestidos de custosos xaires.

Precedem a força de exercito os ageis capoeiras que ao compasso dos dobrados, nos quaes se vasa a alma dos sergentos musicistas, se desvertebram em encandidos bamboteios. Um grito ouve-se de repente e a multidão envolve-se numa encyfia. Ha um «abre! abre!» que a todos leva numa rajada.

Vozes femininas desmaiam nas janellas; vozes masculinas pedem calma e congregam os seus.

E o ardego cavalleiro que junto á janella, submisso a lança abatera, que logo mais adeante entregara o seu cavallo a um palafreneiro e que sorrateiro, esgueirando-se por entre a multidão, galgara a escada do sobrado e viera esconder-se, cosido ao portal, junto á sua beltadade, aproveitando o tumulto da hora, agarra-lhe a mão e nella, como quem se abaixa para apanhar alguma cousa, deposita, tremulo daquella paixão antiga que não tinha dote, o seu primeiro beijo!

A beltadade assustada, antes que o reconheça, não pôde reprimir um grito e quando o velho coronel, ou o grisalho major ou o ainda robusto capitão, aproxima-se sollicito: — O que foi, minha filha? — ella recupera para a casa e com ella os capoeiras! Não foi nada, papae! São os capoeiras!

Terminou a arruaçã; acabou de passar o prestíto; volta a familia feliz para a casa e com ella os convidados.

Nos corações, nos ouvidos, nas mãos que foram beijadas, ha uma cavatina que não cessa, o marulhar da uma illusão, o soluçar feliz de uma serenata.

Lindo tempo selvagem!

Janc, e chapeuzinho moderna, de saia curia e chapeu assyrio, de cara pintada e alma em monologos francezes e lyrismos italianos, vem arrancar-me á evocação.

— Vamos, mia chère, não ha tempo a perder. O automovel está ahí embaixo e é hora do Corso. Temos ainda que passar em casa da Baby.

— Quem vem connosco? — O irmão da Baby, o Robespierre... E' para metter um ferro ao William.

— Mas o William... — Sim, sim é um *firt* mais antigo. E' porisso mesmo, é para «agui-zal-o». Irei com elle, depois, ao baile, para mostrar ao bello Gaston, que je m' em fiche.

— E tua mãe? — Mamãe foi com o visconde a uma matineé rouge... Disse-me que meninas não podem ir.

— E papae não vem connosco? — Papae? Ora, que graça! Papae nos dias de carnaval requer habeas-corporus!

Jinna Rita Malheiros.

UMA NOITE HISTORICA

As três horas da madrugada de domingo, enquanto a cidade dormia, tranquilizada pela vigilância tremenda do Governo Provisorio, foi o largo do Paço teatro de uma scena extraordinaria, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente, quanto foi simples e breve.

Obedecendo á dolorosa imposição das circunstancias, que forçavam um procedimento enérgico para com os membros da dinastia dos principes do ex-imperio, o governo teve necessidade de isolar o paço da cidade, vedando qualquer communicação do seu interior com a vida da capital. A todas as portas do edificio principal, na manhã do sábado e as portas das outras habitações dependentes, ligadas pelos passadiços foram postadas sentinelas de infantaria e numerosos carabinieri montados. O saguão transformou-se em verdadeira praça de armas.

Muitos personagens eminentes do imperio e diversas familias, ligadas por aproximação de affecto á familia imperial, apresentaram-se a falar ao Imperador e aos seus augustos parentes, retrocedendo com o desgosto de uma tentativa perdida.

A proporção que passavam as horas, foi-se tornando mais rigorosa a guarda das immedições do palácio.

As sentinelas foram reforçadas por uma linha de baionetas, e a poucos intervalos estendeu-se pelo passeio, em todo o perimetro da imperial residencia, transformada em prisão do Estado.

Novas determinações, annunciadas por ajudantes de ordens que chegavam frequentemente do quartel general, desenvolviam ainda mais as manobras da guarnição do edificio.

Depois que anoiteceu, foi fechado o trânsito pelas ruas que o rodeiam. Ás onze horas, havia sentinelas até o meio da grande área comprehendida entre o pórtico do palácio e o caes. Por todas as immedições vagueavam soldados de cavalaria empunhando clavinotes de coronha pousado ao joelho.

Adiantava-se a noite, adiantavam-se gradualmente para o mar os cordões de sentinelas.

Um boato official, inspirado pela conveniencia do interesse público, espalhára a noticia de que o Sr. D. Pedro de Alcantara (que se sabia dever embarcar para Europa em consequencia da Revolução do dia 19) só iria para bordo, no domingo de manhã. A policia excepcional do Largo do Paço, porém, durante a noite de sabado, deu a certeza de que o embarque se faria muito antes da hora do propalado consta.

Demorados por esta suspeita,

muitos curiosos estacionavam pelas vizinhanças do Mercado, das pontes das barcas, na rua Fresca, na rua da Misericordia, na esquina da rua Primeiro de Março.

De 1 hora da madrugada em diante, as patrulhas de cavalaria começaram a dispersar os ajuntamentos.

Para os ultimos passageiros das barcas Ferry não havia mais caminho, do lado do Mercado, se não beirando rentinho ao caes. Depois da ultima barca, o trânsito foi absolutamente impedido. Também os mais renitentes curiosos tornaram-se muito raros, mermos nas proximidades do largo sitiado.

Um grande socego, com uma nota accentuada de pânico, reinava neste ponto da cidade. Para mais carregar a fisionomia do momento, circulavam nessa hora as noticias de um conflito entre marinheiros e praças do exercito, avendo troca de tiros. Apesar da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo a se retirarem, apesar da completa abstenção de atos de violencia que tem caracterizado o sistema policial, enérgico, mas extraordinariamente prudente do Governo Provisorio, sentia-se ali como que uma atmosfera de vago terror, como se a calada da noite, a escuridão do logar, a amplitude insondavel da praça evacuada,

continua pag. 10

ARAGEM QUE PASSA

(HISTORIA DE UM LEQUE E DE DOIS CORAÇÕES)

EXACTAMENTE começava eu a experimentar o tedio da vida, assim fechado dentro de uma caixa de cartonagem branca, parecida com um caixão, sentindo-me ancioso por serem abertas as minhas varetas de marfim, entorpecidas por calmbraz, quando fui comprado por um rapaz.

Soubes depois que este rapaz era sobrinho e esperançado herdeiro da condessa de Danver, a quem por elle fui enviado como presente de annos.

Como eu tremia em commovida expectativa, quando me encontrei sobre a meza do almoço de mistura com varios outros pacotes e embrulhos, contendo presentes de annos.

Seria nova a minha dona, de olhos cheios de emoções, scintillando a espreitar por cima da minha orla de renda e lantejoulas?

Seria uma face macia e perfumada onde eu pousasse?

Seria...

Oh! Terminaram as minhas pitorescas conjecturas!

Erarn arrancados por mão enérgica os meus envulcores, abriu-se a tampa do caixão de cartonagem e foi tirado de sobre mim o bilhete de visita que me acompanhava.

— Gom affectuosas homenagens e felicitações pelo seu anniversario, do Rodolpho, leu uma voz — voz de mulher, sem dogura nem modelações suaves.

— Hum! continuou, desembrollando-me do papel de seda, as affectuosas homenagens de Rodolpho levam sempre agua no bico!... Oh! um leque! Rendas de Bruxellas com lantejoulas! E' novo! Desta vez não me presenteia com uma das recordações devolvidas pelas namoradas! Dal-o-hei a Maria para guardar até eu precisar de um presente de casamento para algum.

— Ah! Hum! Hu-u-u-m! Respondeu um ente masculino de nariz coado de bolbos carmezins, entrincheirado por detraz do *Jornal do Sport*.

— Ai de mim! Adeus sonhos suaves de uma face fresca e macia, de uns olhos brilhantes e seductores!

A condessa de Danver era uma senhora robusta de 53 annos, de aspecto pratico e sensato; usava fato curto, genero *tailleur*, sapatos de frente quadrada, creava cães e despresava os homens.

Que triste destino para um aristocratico e delicado leque o ser agarrado nas suas mãos enérgicas e duras!

Apesar do meu desejo de entrar na vida e ver mundo, senti certa sa-

tisfação, sabendo que seria posto de parte. Talvez como presente de casamento tivesse melhor sorte.

Mas afinal não era o meu destino ser presente nupcial porque, estando a condessa a vestir-se nessa noute para o baile da marquezada de Gayford, descobriu que estava partida uma das varetas do seu predilecto leque de pennas — objecto monstrosu e deslegrante, feito de aves-truzes e de tartarugas.

— Traga-me essa cousa nova que lhe dei hoje a guardar, exclamou com a sua voz rouca a minha dona, para uma criadinha de olhar manhoso e accentuada pronuncia franceza.

Foi assim que fiz o meu debut no Palacio Gayford.

Ao subirmos a grande escadaria de marmore, o conde de Danver encontrou um conhecido que, segundo consta, recebe 500 libras por anno de uma fabrica de bolachas para cães, em troca de sustentar com ellas a sua matilha e de escrever sobre ellas uma serie de reclamos panegyricas:

— Olha lá! rousnou o conde. Quer outro *bull-dog*; tens algum para vender?

O tal conhecido fez com a cabeça signal negativo.

— Não tenho, respondeu, mas sei quem possui um exemplar magnifico — e vende-o barato. Ainda no outro dia vendeu um a Keith Dellmore.

— A morada delle?

— *Court Square* — n. 2.

O conde sacou da algibeira uma lapiseira de ouro e lançou em volta um olhar vago.

A condessa comprehendeu evidentemente, o vago desse olhar, e com um gesto rapido e enérgico (era odiosamente enérgica) arrancou o lapis da mão do marido e *rabiscou a morada em uma das minhas delicadas varetas de marfim!*

Imaginem, servir-se de mim, um elegante e finissimo leque, debutando na vida, para escrever a morada — de um *bull-dog!*

Após esta humilhação a minha dona chegou ao cimo da escada, cumprimentou os donos da casa e entrou na sala de baile.

Oh! Que deslumbrante espectáculo! Apesar de me sentir feio e insignificante ao lado dos magnificos leques esmaltados e cravejados de pedras preciosas, fluctuando languidamente em mãos aristocraticas, comprehendí que estava no meu elemento e que emfim, entrava no mundo a valer.

Durante bem um quarto de hora a condessa de Danver agarrou-me,

sacudiu-me, gesticulou commigo; depois, quando a orchestra rompeu uns lanceiros, depoz-me em um sophá, enquanto pregava com um alfinete, a cauda do deslegrante e usado vestido de rendas pretas.

Cinco minutos mais tarde tinhase afastado, deixando-me esquecido, abandonado — e *livre*.

Durante uma hora deliciosa, fiquei nesse sophá de pelucia vermelha, com as minhas varetas a meio abertas, e os meus olhos de prata e lantejoulas scintillando de alegria.

Estava vendo o mundo e a vida. Erarn esquecidos já os dias passados, quando em Bruxellas nasci e fui adquirindo vida e formosura, em uma almofada cheia de bilros.

Estava lançado no oceano de um *season* de Londres, estava...

— Tenho a certeza que o deixei por aqui — talvez algum o levasse Ah! não, cá está elle!

Ouvindo estas palavras, ditas em voz suave e cheia da frescura de mocidade, olhei e comprehendí que terminára a minha breve hora de liberdade.

Em frente do sofá, onde eu estava, vi uma rapariga, que realisava tudo quanto eu sonhára, dormindo na minha caixa de cartonagem.

O rosto era pequeno — quasi pequeneno de mais, talvez — os labios vermelhos e finos; os olhos da cor das violetas... ou da flôr do linho? puros e risonhos; os cabellos dourados e abundantes formavam uma luminosa aureola em volta do pequeno rosto. Tinha a pelle lisa e polida como as minhas varetas de marfim e a sua figurinha esguia e graciosa começava apenas a assumir a dignidade de mulher.

— Como estou contente por te encontrar! — foi um presente de Keith, antes de casarmos, continuou o meu Sonho Radiante, pegando em mim e segurando-me pela forma que mais agrada a um leque: leve e descaudada muito embora com certa firmeza, em mão de excepcional pequenez, coberta de finissima *suède*.

— Oh! E' então, na realidade, uma recordação, mrs. Dellmore. replicou o seu par, com o tom malicioso que involuntariamente se manifesta na voz de alguns homens, quando uma mulher muito apertosa se refere ao marido, exprimindo qualquer sentimento mais ardente do que a simples tolerancia.

— De certo, respondeu ella, com gravidade, enquanto a orchestra irrompeu numa valsa delirante e tumultuosa, para a qual viciu convidada

continua pag. 10

ALMA FEMININA

TODOS os annos, no dia 3 de Maio, Filippa obtinha dispensa do trabalho na grande fabrica de papel para paredes e decorações em que era a directora do atelier de desenho e pintura com o pequeno ordenado mensal de sessenta dollars. A 3 de maio passava o anniversario de Filippa, e esse dia ella consagrava-o inteiramente á meditação, ao culto dos seus mortos e ao exame da sua vida.

Filippa era o methodo... com sexo feminino. Chegara aos quarenta annos quasi com a mesma belleza dos trinta e com uma quietação inalteravel de consciencia, sem ambições, sem desassoscego de imaginação, feliz com a sua sorte, contente com o seu trabalho. Era sósinha no mundo O pae, que fôra corretor de fundos na Bolsa de Nova York, educara-a nos grandes collegios, preparando-a para uma existencia de millionaria. Com dezoito annos incompletos ficara orphã, e a vida que se lhe deparava não era mais a de uma millionaria, mas a da lucta pela existencia. O pae de Filippa suicidara-se, ao vér-se arruinado por um *krack* da bolsa e depois de liquidadas honestamente as suas dividas até ao ultimo cent; e nunca ninguém pudera explicar um tão fatal desvario, em homem de um caracter tão firme, a não ser por um accesso de delirio febril. Desde essa tragedia, Filippa encontrara-se na necessidade de trabalhar para se sustentar e sustentar a mãe. A directora do Collegio recomendara-a aos industriaes Whittredge como uma desenhista de talento, capaz de ser aproveitada com vantagem no atelier de decoração e projectos. Filippa dedicara-se apaixonadamente ao seu trabalho, sem reparar na modicidade do ordenado, que chegava para o custeio da casa. Essa casa, onde ella vivera dez annos com a mãe e que continuava a habitar depois da sua morte, era a imagem da alma serena, methodica e nobre de Filippa: cinco pequenos aposentos, apenas, mobilados com restos do antigo esplendor da casa paterna, rodeados de um pequeno jardim sempre cheio de flores.

Filippa vivia só com uma pequena creada, filha de uma operaria da fabrica, e com esse talento de simplificação intelligente da vida, de que a mulher americana conseguiu apropriar-se como de um novo instincto, soubera repartir com tal sciencia os seus sessenta dollars pelas necessidades varias da subsistencia e do vestuario, que nenhuma difficuldade perturbava a sua tranquilla existencia. E todavia, Filippa, como toda a creatura mortal, tinha suas intimas magoas.

O homem que ella amara, de quem se considerava noiva, desaparecera um dia, sem que nunca mais delle nada soubesse. E' certo, tambem, que nunca procurara investigar as razões dessa renuncia. A sua recta e digna consciencia impusera ao seu coração uma nobre e resignada attitude. Depois, os annos haviam decorrido, serenos e eguaes; e esse pesar amoroso fôra amoretando.

Naquelle tarde, ainda, regressando da igreja, Filippa sentia-se completamente feliz. Na sua predica, o pastor protestante discorrera justamente sobre o thema da felicidade humana, concluindo que a felicidade consiste em não se soffrer nenhuma necessidade material ou moral. De que necessidade soffria ella? Nada faltava ao mechanismo regular da sua vida. Não tinha cul-

pas nem soffria privações. A sua casa, como a sua consciencia, estavam em ordem. Sim, a felicidade consistia em possuir apenas o indispensavel. Ella era feliz! Os seus doces olhos azues, ao entrar em casa, acariciaram as flores amigas do seu jardim, semeadas por sua mãe, ha tantos annos. Sorrindo, abriu a porta, entrou para



... Ella contemplava-o scismadora e perplexa...

o quarto, tirou o chapéo. O carteiro trouxera-lhe duas cartas. Examinou-as com immensa surpresa. De quem podiam ser? Quem se lembrava ainda della? Sentou-se, abriu o primeiro subscripto, desdobrou a carta e leu:

Miss Filippa Pearse Pratt,
Dear Madam;

«Cumpro gostosamente o dever de comunicar-lhe que a municipalidade da sua cidade natal, reconhecendo os seus talentos de decoradora, a escolheu para decorar o vestibulo de honra do pavilhão municipal da proxima exposição de Oklaoma.

Congratulando-me com seu merecido successo, e aguardando sua favoravel resposta, subscrevo-me seu admirador

John W. Weston.

— Para que isto? — perguntou a si propria Filippa, ao terminar a leitura da carta. Com que fim, com

que interesse vou eu accellar este trabalho? Não preciso de dinheiro. Basta-me o que me dão na fabrica... A fama? E' tarde de mais! Que me adianta a fama? Não pode ella vir perturbar a minha vida calma? Se ao menos ainda vivesse a querida mãe, isso lhe daria talvez praser...

E antes mesmo de proceder á leitura da outra carta, sentou-se á mesa, e tranquillamente, methodicamente, para não demorar a regularisação da sua vida calma, perturbada por aquella carta, respondeu:

« Mr. John W. Weston,
Dear Sir.

Agradeço muito sua amavel carta. Apreciando a distincção de seu convite participo-lhe ser impossivel tomar conta do importante trabalho que me é oferecido.

Yours very truly
Filippa Pearse Pratt ».

Depois de concluida e fechada a carta dirigida ao Secretario Municipal, Mr. Weston, Filippa procedeu methodicamente, á leitura da segunda carta. Uma nova e enorme surpresa a esperava. Sem poder reprimir a emoção Filippa leu, em caracteres escriptos á machina, a seguinte carta sem assignatura:

« Miss Filippa Pearse Pratt.

Dear Madam,

Sinto que pouco tempo terei de vida, e não quero abandonar este mundo sem regularisar consigo a divida que, ha vinte e quatro annos, contrahi com seu falecido pae, o que, só agora, posso fazer. Junto um cheque de cinco mil dollars. Esse dinheiro pode dar-lhe algum conforto, torçãdo menos penosa a sua vida.

Filippa escondeu o rosto entre as mãos e deixou correr as lagrimas. Porque tão tarde a soccorria a Providencia? Pensava o que podia ter feito pela mãe com aquelle dinheiro. Quem sabe mesmo se esses cinco mil dollars teriam evitado a morte de seu pae! O dinheiro só vale pelos beneficios que pode trazer. De que lhe servia a ella, agora, aquelle dinheiro?

Enxugando as lagrimas, Filippa ergueu-se, chegou á janella, pensativa. Os seus doces e lacrimosos olhos divagaram sobre o jardim florido, e acudiu-lhe uma inspiração feliz, que alegrou o seu rosto num sorriso. Mandaria á Municipalidade de Nova York aquelles cinco mil dollars para que ella iniciasse a obra caridosa da dadiva de flores aos pobres nos dias de festa: anniversarios, natal, baptisados, casamentos. Naturalmente algumas senhoras ricas se associariam á sua idéa, contribuindo com donativos para essa obra a fim de que não faltassem as flores na mesa do lar pobre, nesses dias em que a alma humana se esforça por encontrar alegria...

Sem perder tempo, Filippa sentou-se novamente á mesa escreveu a sua segunda carta, offerecendo os cinco mil dollars ao Municipio para « as flores dos pobres ». No momento de assignar ficou, porém, perplexa. O seu nome viria publicado nos jornaes. O seu acto seria discutido. Haviam de vir perturbar o seu socego. Como fazer? De novo as flores a inspiraram: assignou a carta com o nome de Mamãe; e acabou de fechal-a quando algum bateu á porta.

Filippa foi abrir, e ficou immovel de espanto diante do vulto de homem que lhe appareceu na penumbra do vestibulo.

— Filippa!

— Norman!

Era elle, o homem a quem amara na mocidade, o noivo que a abandonara, que havia dezoito annos não tornara a vér.

O seu coração, abalado por tantas surpresas, comoveu-se.

Norman entrou na sala. Sentaram-se ambos á mesa. Ella contemplava-o, scismadora e perplexa. Elle contava a sua historia lamentavel, explicando as causas do seu desaparelamento subito. Quando tivemos a ventura de conhecê-la, já a sua palmar estava empenhada. Promettera casamento a outra mulher. Luctara até ao fim para se libertar de um compromisso tão contrario ás exigencias do seu coração. Soffrera muito. Tivera que resignar-se, fiel á palavra dada, aquelle casamento sem amor. Tinham sido dezoito annos de sacrificios...

Filippa, que professava o culto da honra e era uma alma candida, approvava com a cabeça, achava que elle procedera bem, esquecida de quanto soffrera.

Norman concluia a sua historia, desprezando incidentes, ansioso de attingir o desenlace do seu infortunio. Enviuvara. Liquidara o seu negocio. Precipitara-se para Nova York, ao encontro della. Acabava de chegar. Era livre. Nada mais o impedia de ligar a sua vida a vida della.

Filippa contemplava-o, surprehendida da alteração que os annos tinham trazido á physionomia de Norman. Não era mais o homem que ella amara. Engordara. Algumas rugas lhe sulcavam a fronte. Os cabellos principiavam a embranquecer. Mas Filippa recordava o passado e, aos poucos, ia-se deixando dominar pelas recordações, entregando-se de novo aquelle sonho esvaziado de amor, que regressava á sua vida.

Incapaz de fallar, comovida, conserva-se perplexa, com a cabeça apoiada nas mãos.

Então, Norman, que não era um sentimental, procurou distrahir-a daquelle meditação, trazendo-a á realidade. Ainda não jantara. Estava com fome.

Filippa, que era vegetariana, só tinha em casa o resto de uma salada, leite, ovos e fructas. Elle sorriu, desapontado, mas acabou por aceitar o magro festim que Filippa lhe offerencia. Ella poz a mesa, serviu-o, impressionada pela sofredugidão com que Norman ingeriu toda a salada, toda a fructa e os ovos que lhe preparara. Não: ella não concordava com aquella frugalidade. A carne era um alimento indispensavel. Os vegetarianos faziam idealismo com o estomago. Filippa protestava, invocando os seus poucos recursos. De resto, dava-se bem com aquelle regimen sobrio. Frequentemente nem precisava de accender o fogão de gaz para preparar o seu jantar. Sentia-se forte e saudavel.

— E é, então, com sessenta dollars que tu vives? Norman era de opinião que a exploravam na fabrica. O rico Whittredge podia bem pagar-lhe cem dollars por mez. Filippa meneou a cabeça.

— Sessenta dollars chegam-me perfeitamente. Para que exigir um maior salario, se não me é necessario?

Norman tinha grandes projectos. Não queria que ella trabalhasse mais. O trabalho fôra feito para os homens. Era, tambem, necessario mudar de casa. Difficilmente os dois caberiam naquelles minusculos aposentos. Já no dia seguinte elle ia procurar uma casa maior, e sem jardim, porque os jardins só serviam para gastar dinheiro com a terra. Filippa ousou oppor-se aquelle projecto. Tinha amor á sua pequenina casa e ao jardim que sua mãe plantara. Queris acabar alli os seus dias. Abandonar a casa onde vivera vinte annos era um sacrificio superior ás suas forças. Norman ria, chamavalle a «ultima das romanticas». Accendeu depois um charuto, e Filippa, desacomtumada ao fumo, tossiu, foi abrir a janella. A conversa esmoreceu. O gato branco de Filippa escondera-se debaixo do sophá numa attitude hostil, e Filippa pensava que, se pudesse, faria talvez o mesmo que o seu gato...

Fatigado da longa viagem, Norman estirara-se n'uma poltrona, perto do fogão acceso. Filippa, constringida, calava-se. Norman fechou os olhos, venceu-a a fadiga e adormeceu. De repente no silencio, Norman começou a resonar. O gato, assustado, bufou. Filippa curvou-se

continua pag. 14

uma personagem alta, de energico perfil, face morena, olhos pardos e lustrosos cabelos apartados ao meio.

Segurando-me levemente na mão, que descansava no hombro do par, Yolanda Delmore e a personagem de perfil energico, deslissaram na valsa, como se elles e o rythmo da musica fossem uma unidade.

— Estou tão contente por estar emfim junto de ti, murmurou Yolanda, com um pequeno risinho de alegria, que deixava transparecer a sinceridade das suas palavras.

— E eu ainda mais, replicou elle rapidamente, enquanto o seu braço a aperlava com mais ternura.

Fiquei indignado, completamente indignado e desiludido — porque uma mulher nova, casada e leveia é abominavel para todo o leque que se presa.

Quando eu já quasi suspirava pela honestidade de bota de frente redonda da minha verdadeira dona, Yolanda tornou a falar.

— E' de um *burguezismo* extremo pensar que, depois de seis mezes de vida de casados, ainda gostamos mais de dançar um com o outro do que com qualquer outra pessoa, não te parece? disse ella, olhando-o através dos longos cilios.

Ainda bem! Afinal, a personagem de energico perfil era Keith Dellmore, seu marido. Não havia o menor motivo para indignações!

Quando me encontrei com elles, caminho de casa no seu confortavel coupé, fiz ardentes votos para que nem Yolanda descobrisse nem Lady Danver, que por engano, haviam trocado os leques.

Era deveras idyllico pertencer a essa linda rapariga, que regressava dos bailes, com a cabeça encostada gentilmente ao hombro do marido.

— E' então verdade que preferes dançar com o teu senhor legal a fazer-o com outros?

— Será talvez por nunca ter encontrado quem valse tão bem como tu, respondeu a mulher, e accrescentou audaciosamente, a não ser talvez... Nigel Clyde!

O braço de Keith diminuiu um pouco a sua amorosa pressão.

— Lisonjeia-me ser comparado ao capitão Clyde, respondeu elle, um pouco friamente.

Ao chegarmos a casa, Yolanda deixou-me na meza do gabinete do marido enquanto liam umas cartas, vindas na ultima distribuição; depois, esquecendo-se evidentemente de que eu estava tão cansado como ella, retirou-se apressada aos seus aposentos, deixando-me nas proximidades de uma desagradavel caixa de charutos e de uma obnoxia garrafa.

Keith, depois de ter misturado umas bebidas que depois soube ser *Whisky e soda*, levantou-me da mesa distrahiadamente e examinou-me.

Tinha no olhar uma bella expressão de ternura viril, vindo o que elle julgava ser um dos seus presentes anti-nupciaes.

— Ha seis mezes já... murmurou elle, seis mezes... Como loge o tempo!

Parou de repente. A expressão de ternura viril deu logar a uma chamma feroz, enquanto o perfil assumiu alarmantes traços napoleonicos.

Fitavam-se-lhe os olhos na morada rabiscada a lapis, que maculava uma das minhas brancas e virginaes varetas.

Permaneceu silencioso durante uns segundos, depois, soltando uma exclamação que não pode ser repetida por um leque de rendas brancas, fechou-me com uma violencia que me causou agonias, apertando-me com força entre as mãos.

Sentia-me aterrado... mais uns instantes e estaria partido ao meio, um objecto arruinado e inutil!

— Perdão, meu senhor, a senhora deixou aqui o leque.

A voz da creadinha franceza de Yolanda foi a minha salvação!

— Ah... sim... aqui o tem! Leve-lh'o — boa noite, boa noite, respondeu Keith, entregando-me a uma rapariga garrida e cheia de arreboques, cuja pronuncia estrangeira era ainda mais accentuada de que a da creada da condessa de Danver.

A arrebicada creaturinha descobriu com evidente satisfação uma nova nota na voz de Keith. Seis mezes sem arrufoes matrimoniaes... era de uma monotonia desoladora.

Dormi nessa noite muito confortavelmente numa pequena gaveta, em cima de uma *boa* de plumas brancas e ao lado de um antigo leque de gaze preta, que dava o cavaco por contar e ouvir contar mexericos, com a tendencia de todas as cousas velhas.

Por madame Gaze soube varias cousas acerca da familia, onde um acaso e um engano me haviam tão singularmente collocado.

— Ah! sim, são uns noivos muito felizes, muito apaixonados, o que segundo me diz o leque de flores da duquesa de Joy, contraria por completo todos os vaticinios dos prophetas da Sociedade, disse madame Gaze, quando ainda dez minutos não tinham decorrido após a minha entrada na gaveta.

— Porque foram maus os vaticinios?

— Porque Yolanda não fez outra cousa senão ferir corações desde a sua appareção na sociedade, ha dois annos e todos prophetisavam que ella tambem despedaçaria o coração do marido! A todos parecia impossivel que Yolanda Gwynn deixasse de namorar — mas deixou — pelo menos até hoje!

— E então ella nunca teve outra paixão?

Madame de Gaze estremeceu com intimo prazer.

— Ora, não sabe que ella esteve para casar com um tal capitão Clyde — Nigel Clyde — que afinal sahiu um tanto ou quanto biltre...

— O que é um biltre? interrompeu eu.

— Quem escorrega e se deixa apanhar. Assim, desmanchou-se o casamento, mas murmura-se que a verdadeira razão porque Keith tem tanto ciume della...

N'esse ponto ouviu-se uma voz do fundo da gaveta. Era a de um pequeno leque hespanhol, em cujo seio scintillante um *torero* e uma *maja* de olhos negros, dançavam uma sevillhana.

— Devo declarar-lhes que a esse respeito Keith não tem razão alguma. Estava eu na mão de Yolanda, quando ella despediu o capitão — foi no baile de mascarar que deram os Balty — por isso sei o que ella disse e o que o outro lhe respondeu. Ciumes, quando ella nunca mais o viu desde essa noite até hoje! *Oh! eso es la verdad! Yolanda es una...*

Como nem madame de Gaze comprehendesse, nem eu, o hespanhol, tomando um ar de langoroso aborrecimento, deixamos cair a conversação.

Na manhã seguinte, quando me dispunha já a fazer mais algumas perguntas, a menina dos arreboques abriu a gaveta, procurando qualqu'r cousa. Era um lacinho de rendas em que ella-tencionava dar uns pontos... para quebrar a monotonia de não fazer cousa alguma — segredou madame de Gaze, com ironia, á sombra da *boa* branca.

Remexendo na gaveta voltou-me com mão irreverente e descuidada, e as minhas varetas abrindo-se, mostraram o endereço escripto a lapis, do homem que tinha um *bull-dog* para vender.

Durante momentos os olhos de papagaio da rapariga luziram de jubilo infernal.

— Ah! ouvi-a murmurar. Emfim uma intrigal!

Depois, reparando de repente nos labores da renda da minha orla, soltou uma exclamação de desapontamento e tirou-me com impaciencia da gaveta, levando-me para o gabinete de Yolanda. Ahi vi uma rapariga de aspecto desolado, envolta num luxuoso roupão azul pallido, cujos olhos contemplavam com amargura o espaço.

Seria causa dessa desolação o facto de Keith, pela primeira vez na sua vida matrimonial de seis mezes, ter sahido para o ministerio, sem lhe dar um apaixonado beijo?

— Perdão, minha senhora, v. exa. trouxe para casa por engano este leque. Veja, o padrão da renda é differente, tem folhas em vez de rosas

continua pag. 12

OS NOSSOS POETAS

criação

*Ha no amor um momento de grandeza,
Que é de transcendencia e de castro benedito:
As duas enquez são toda a natureza,
As duas almas são toda a infancia.*

*E' um mysterio de força e de surpresa:
Estádo o cavaco da terra, afflicto:
Disposse em faz frouda a espôrta nevoa:
E de todos os outros enquez um grão...*

*Deus transmittiu a seu bello aos amantes:
Cada beijo é a sacção dos Sete Dões,
E a Góese fulgura em cada abraço.*

*Paque entre duas lovens soltaçães
Bola todo o Universo, em harmonias
E em glorificações encheudo a espôrta.*

Olavo Bilac

Abençoada a lagryma...

*Abençoada a lagryma cobida,
Das almas de gente soffrê. Abençoada
A alma que é como a pedra que lousada
Viu a morte de uma fonte de vida...*

*Em devoto a terra ressequida,
Da presença das aguas froudadas,
Deu luz e fructo, e a sombra derramada
A' vida mesma trouxe em humo a vida*

*Que imporia que com a seiva já se enriquece
Da natureza a vida a vida de umidade?
A vida, que'ara estoril, hoje é um bosque*

*E me natus os passares cantada,
E dá repouso e sombra um folhado,
E aos que têm sede a sede lhes mitiga.*

Mario de Alencar



Mlle. Carmen Vidal



Mlle. Carmen Vidal

A mulher e o poeta

*Leve, mobil, culturel como a onda,
Traz, na dupla expressão, o fado inverto.
Não vos prenda o semblante em graça aberto.
Quanto ella ri, talvez a morte esconda...*

*Jullith, a afolta, ou Salomé, a hehulada,
Pudesse eu vê-la um momento, perto...
Tudo era apenas mossaça, decerto!
Tu mesma foste perfida, Gloriosa!*

*E tu tambem, Julieta resplandente,
Tantas vis, estrelladas formosuras,
Pierstes uma insidia em cada beijo!*

*Sabei, porém, a raga falsa e ardente,
Que eu soberbio a todos vis, porjuas,
Na tyra de outro eterna do desejo!*

Felix Pacheco

e numa das varetas vem escripta uma morada.

Um lampejo de interesse baniu por instantes a desolação e Yolanda, segurando-me na sua macia e sympathica mão, examinou a morada do bull-dog.

— N. 2 Court Square, murmurou ella. Quem morava ali? Provavelmente a dona do leque ou uma amiga da dona.

— Quer que lh'ò mande, minha senhora? perguntou a creatura dos arrebieques.

— Sim... não; vou sahir de caruagem; passarei por lá. E' uma diversão!

Assim cum'ria-se o meu destino! Era sorte minha ir para o bull-dog!

Por volta das cinco horas da tarde, Yolanda, levando-me embrulhado em papel de seda, mandou parar a carruagem em Court Square.

Oh! minhas apprehensões! Eu tremia como se estivesse na mão de uma ingenua, ao ouvir a primeira declaração de amor.

No 2 era um rez-do-chão. Ting... g...g. tocou a campainha electrica, estremecendo como se ficasse perturbada pelo contacto de uma luva de mulher.

A porta foi aberta por um creado, que teve, ao ver Yolanda, um rapido e velado relampago de reminiscencia no olhar discreto.

— Hontem levei para casa este leque, começou Yolanda, e vi depois...

Parou de repente; a sua voz penetrára até um quarto interior. Abriu-se a porta. O creado de olhar discreto desfez-se na obscuridade.

— Yolanda! exclamou o homem que sahii desse quarto interior.

E eu, apesar de ser um leque inexperiencede, comprehendí pela expressão daquella voz ao pronunciar o nome della, que a amava — ou que havia amado — o que em certos casos é quasi a mesma coisa!

— Eu... eu... vim aqui por engano. Não tinha idéa alguma...

— De que eu me havia mudado para aqui?

— Nem a mais leve, capitão Clyde. Yolanda recuperará já completo sangue frio. Tornará-se a perfeita mrs. Dellmore!

O homem a quem o leque de tulle preto chamára *billre*, fez apenas um cumprimento, curvando a cabeça.

Não sei porque, fiquei com pena do *billre*; mas, tendo Yolanda rasgado nervosamente o meu envolvero de papel de seda, tive enjejo de ver os olhos delle.

Não eram de malvado esses olhos, fosse o que fosse o resto.

Em poucas palavras mrs. Dellmore explicou o caso e com equal brevidade lhe respondeu o seu namorado de outr'ora.

Então, Yolanda tendo obtido a certeza de que elle nada tinha a ver commigo, cumprimentou-o e despediu-se, emquanto o *billre* a seguia com um olhar de profunda desespérance.

Vagarosamente, Yolanda atravessou o vestibulo e ao tornejear a hombreira de marmore da porta...

— Keith! Tu!

A mulher e o marido pararam face a face.

— Tu... vens do numero 2... Era mais uma affirmação do que uma pergunta.

— S...i...m, eu...

— Tu soubeste a nova morada do capitão Clyde hontem á noite, e escreveste-a na vareta do teu leque...

Foi um azar para ti que eu por acaso visse o leque e tambem por acaso me aconteceu seguir esta tarde as tuas evoluções!

Por instantes, Yolanda poz de parte o intenso orgulho que era do seu caracter.

— Keith! exclamou ella. Só esta manhã soube que o leque não era meu e havia qualquer cousa escripto em uma das varetas. E como eu ignorasse quem morava no numero 2 Court Square lembrei-me de vir...

Neste ponto Yolanda perdeu o animo, porque a explicação dos factos, até a ella propria parecia horrivelmente incrível.

— Cala-te, murmurou Keith sem a menor inflexão na voz. Cala-te. E' tudo absolutamente inútil.

Então sem accrescentar palavra, cumprimentando-a com o chapéu, com cerimonia, voltou-lhe as costas.

Yolanda entrou machinalmente no *coupé* e deu ordem para casa.

— Para casa!... murmurou ella. Phrase suave, que tão grande significação tem para as mulheres.

Depois, dominando a ternura que, involuntariamente lhe encheu o coração, apertou os labios em uma linha tão recta e dura, que seria difficil adivinhar a existencia alli de uma bocca appetitosa e rosada.

Reassumira a expressão physiologica de uma mulher, tomando pela primeira vez uma resolução tremenda e eu adivinhei que essa resolução significava — *adeus*.

Ao chegarmos a casa abriu a porta do gabinete do marido e atirou commigo para cima da secretaria com força tal, que julguei que se me havia fracturado uma costella; em seguida subiu, como um furacão, ao quarto.

Momentos depois ouvia-se chamar a menina dos arrebieques.

— Lisette, emmala as minhas cousas, eu... eu... fui chamada á pressa.

E era eu o culpado de isto tudo! Se ao menos eu pudesse pronunciar palavras de explicação, tudo se esclareceria; mas, apezar da mi-

nhã transparencia, tão grande que se pode ver a través de mim, era condemnado a guardar no meu seio para sempre um segredo que eu ardia por contar.

E', em verdade mister meu na vida, levantar leves aragens; mas nunca um devastador cyclone como este!

Principiava a deplorar que as minhas varetas de marfim não houvessem ficado nas florestas africanas e a desejar que o meu panno nunca tivesse sido despegado da almofada e dos bilros, em Bruxellas, quando se abriu a porta e entrou Keith no gabinete.

Ahi como eu tremia! Até se entrechocavam as minhas varetas de marfim!

Ver-me-hia?

Ficaria entre as suas mãos, despedaçado e triturado em mil pedaços?

Dirigiu-se vagarosamente para a secretaria onde eu me encontrava, fitou em mim o olhar e empurrou-me para longe como se eu fosse um objecto nojentto; depois, com um gemido profundo que me apavorou, deixou cahir a cabeça nas grandes mãos brancas, ficando assim em silencio terrivel.

Esse triste silencio era apenas interrompido pelo som de pessoas apressadas, correndo de cá para lá, o arrastar e fechar de portas e os passos rapidos dos pequenos pés da menina dos arrebieques, lá em cima.

Passou-se assim meia hora e então a voz de Lisette deu ordem ao creado, que chamasse uma carruagem, dahi a cinco minutos, porque estava tudo prompto para a partida.

Passaram segundos, tornando-se minutos... mais cento e cincoenta pancadas da pendula do relógio e tudo estaria acabado!

E era eu, só eu o culpado!

De repente abriu-se a porta para dar passagem a um creado com uma carta, que viera evidentemente por mão propria, endereçada a Keith Dellmore.

O seu primeiro impulso foi de a pôr de parte sem a abrir — o segundo de rasgar o sobrescripto e ler o conteúdo, que era o seguinte, segundo eu vi, do meu elevado logar, em cima de um monte de papeis:

Meu caro sr. Dellmore. — Quer ter a gentileza de me ajudar a vencer uma difficuldade, antes que me veja forçada a confessar a meu marido o meu enorme crime de ser des-cuidada?

Hontem á noite no palácio Gayford, o Carlos encontrou-se com m'r. Canyne, dando-lhe este a morada de um homem que tem um bull-dog para vender. Esta morada escrevi eu numa das varetas do meu leque, que deixei algures, trazendo por engano outro — por signal melhor do que o meu — e perdendo assim o leque e a morada

continua pag. 17

DA MINHA TORRE

O LOUCO DE GRAVEDONA

TRABALHO INEDITO PARA A REVISTA FEMININA



«Que tem ella de tão seductora esta lua, velho astro defuncto, que passeia no céu a sua face amarella e a sua triste luz de cadaver para nos allucinar assim?!...» — agitar deste modo o nosso pensamento?!...» — perguntava solitario, entre si, Guy de Maupassant, vogando á borda do seu yacht pelo Mediterraneo.

A mesma pergunta faço eu, quando me encontro a sós, por estas noites de grande calor, debruçado da varanda da minha torre, vendo-a surgir, alem, por traz das franças das arvores, subir vagarosamente pelo céu marchetado de estrellas... Umas vezes, fica ella, como que suspensa, preguiçosa a boiar por sobre a cidade illuminada; outras, acolá, sobre a varzea de Santo Amaro, ou para as bandas de Pinheiros, onde vacillam as luzes de alguns candieiros, coaxam as rans e cantam os grillos toupeiros...

O meu pensamento, então, viaja... viaja... vae muito longe... e é enternecido, e com saudade, que revejo amenos sitios por onde andei...

Foi á beira do lago de Còmo, em Menaggio, numa aldeia inebriantemente perfumada pelas «olea fragans», que aprendi estes versos de Fillicaia:

«Italia! Italia! o tu cui feo la sorte

Dono infelice di bellezza...»

Quem m'os ensinou foi o meu amigo Gino, um seocio gentil-homem lombardo com uma ascendencia illustre.

«Venha!» — escrevia-me elle insistentemente, — «a Primavera na minha terra é um sonho...»

E um bello dia, ao cahir de uma tarde calida e transparente, cheguei á sua residencia solarenga, vendo correr, de bordo do vaporinho que me levava, esta mesma lua pelo beiral do seu telhado.

— Que linda que é a sua patria, Gino! — disse-lhe eu estreitando-o ao meu peito, e elle, como se della vivesse perennemente enamorado, balbuciou commovido os versos de Fillicaia:

«Italia! Italia! o tu cui feo la sorte

Dono infelice di bellezza...»

Ao dia seguinte, era um domingo; vendo-me assomar estremunhado a janella do meu quarto, gritárame lá de baixo o *barcaiolo*:

— «Brezza di bel tempo, signore!»

E o sol já alto num céu azul immaculado; pelas aldeias, nos campanarios, os sinos badalavam festivamente; o lago muito calmo estendia-se a perder de vista, e o «piroscafo Pinius», dirigindo-se para Còmo, deixava atraz de si uma larga faixa de fumo...

As cumeadas da Grogna, de S. Martino, S. Primo, alvejavam cobertas de neve; fazia frio lá acima; á beira do lago a Primavera já havia enfolhado as arvores, coberto de novos rebentos os pecegueros, vestido de flores as laranjeiras e os limoeiros...

— Vamos! Anda! Prepara-te! já é tarde! — bradou Gino, entrando-me pelo quarto, — e eu apressadamente compuz a minha «toilette»: era grande a curiosidade que tinha de conhecer essa mysteriosa Gravedona, cuja historia, promettida de longa data, ia elle contar-me finalmente.

A helice do *motor-boat* puzera-se a bater de leve as aguas do lago; sentados na frente, nós olhavamos as margens que fugiam, — as collinas de formas voluptuosas que, no dizer de Stendhal, lembrando as descrições de Tasso e de Ariosto, muito discretamente ciciam ternas palavras de amor aos vindantes.

Successivamente lá foram surgindo, e depois esfumando-se, ao longe, os casaes, a torre das igrejas, os pequeninos cemiterios de Bellagio, Perleda Varenna, Bellano, Prada, Rezzonico, Dervio, Dongo... — e todos esses nomes sonoros, mais aquelle céu sempre azul, e o perfume inebriante das «oleas fragans», faziam-me repetir enternecido os versos de Fillicaia:

«Italia! Italia! o tu cui feo la sorte

Dono infelice di bellezza...»

— Gino!... E a historia do marquez Violante di Gravedona? — implorei-o.

E elle, rompendo o seu mutismo, respondeu-me: — Sim, vae ouvil-a...

Accendeu um cigarro; recostou-se melhor no seu assento, — e depois de recomendar ao mechanico que não accelerasse muito a marcha do motor, começou a fallar:

— A historia do marquez de Gravedona principiou mais ou menos como os teus amores por Akouliina, em St. Moritz...

E, antes de continuar, fez uma pausa, perguntando-me:

— Que fim ella levou?...

— A ultima vez que a vi foi em Rapallo, ao pé de Genova. Quando percebeu que decididamente eu a não desposaria, fez-se esquivar... foi-se-me aos poucos afastando... a derradeira carta que me escreveu, continha, apenas, uma meia duzia de linhas, agradecendo-me uma cesta de mimosas que lhe eu mandára de Nice...

— Meu pobre amigo! Imagino o quanto não soffreste?! Mas, ainda assim foste feliz: pudeste cortar o mal pela raiz!... O marquez de Gravedona, esse, — coitado! — deixou-se seduzir de vez. Fabiola, por quem elle se apaixonára, dominou-o logo com o primeiro olhar... Era uma mulher verdadeiramente encantadora, mas perigosa: o typo o mais perfeito da aventureira... Lembrava, de relance, um bocado Akouliina: principalmente naquelle seu porte principesco... Cantava admiravelmente, e conversava que era um primor! Tinha uma vasta leitura sobre tudo: sobre litteratura, arte, philosophia... a obra de Nietsche, ella a conhecia nuociosamente...

E Gino, interrompendo a sua narrativa, murmurou: — Ainda se Violante fosse um super-homem! Era, porem, a creatura a mais timida que conheci!

Soprou para o ar duas bafaradas de fumo e proseguiu:

— Casaram-se!... Os primeiros mezes de vida foram uma delicia. Violante imaginava-se profundamente amado, — e, no emtanto, quem Fabiola amava apaixonadamente era a Italia e não elle... Quantas vezes os não vi abraçados por essas aldeias das ribanceiras?!... nas noites de luar, a vagarem por ahi, numa barca, ouvindo cantar, á pópa, um menestrel?... Mas... /a

donna é mobile; tudo cansa, tudo tem um fim: até da Itália ella se fartára!... Um dia, levava-o d'aquí: arastára-o para uma vida de dissipações... Quantos vexames não soffrera, o desgraçado?! Finalmente, quando o virá quasi arruinado, não trepidará em abandoná-lo impiedosamente, fugindo uma bella manha em companhia de um americano archi-millionário... Violante, então, perdeu a cabeça; tentou suicidar-se. Não morreu, mas ficou louco, e na sua loucura ainda havia um quê de poesia, d'essa poesia que se encontra espalhada por sobre todas as cousas na minha terra. Voltou para Gravedona: mettu-se na sua villa; mandou comprar um ataúde, encheu-o de flores e fel-o enterrar no centro do seu jardim. Por cima, collocou um monumento de marmore em que havia um anjo acabrunhado, com as asas partidas, tendo, em cada canto, a queimar, uma urna cheia de myrrha... E era horrivelmente esqualido, com os cabellos crescidos, em desordem, os olhos desmesura-

damente abertos, que elle, do balcão do seu terraço, lhes seguia o clarão, dizendo a todos que se lhe abelravam: — «Fabiola, a perfida, me deixou!... mas, que importa?!... O trecho o mais doce da nossa vida, não pôde leval-o consigo; mandei-o enterrar allí!» E soltava uma grande gargalhada, chorando convulsivamente logo em seguida.

Gino mostrou-se commovido: senti que se lhe embargára a voz; subitamente elle se calou!... E' que não ha um só italiano que as historias de amor não perturbem!...

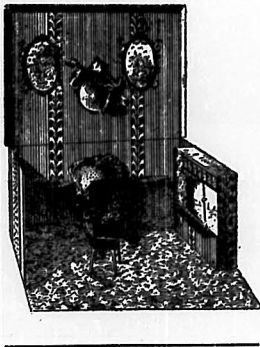
A' noite, quando recolhemos, era já tarde: vi-nhamos de Piona. A lua cheia e redonda crescia melancolicamente por detraz dos cyrestes de Gravedona..

Rênê Thiollier
(Villa Fortunata)

Para os nossos filhinhos

A linda gravura que apresentamos ás nossas leitoras é um interessante brinquedo que divertirá immensamente as creanças e que pode ser feito em casa, sem grande despesa.

E' uma sala de jantar para uma boneca. Toma-se uma caixa de papelão, de chapéu e levante-se a tampa, para fazer a parede, mantendo-a em pé, por meio de uma tira de papel grosso, collada em toda a largura da linha divisória. Derruba-se a parte dianteira da caixa, de modo a prolongar o soalho da sala e deixam-se em pé, como se vê na gravura, as duas partes lateraes. Forra-se o chão com um papel pintado, imitando tapete, para o que podem servir retalhos de papel estampado dos que são usados para empapelar



(Continuação do artigo Alma Feminina)

para apanhar o charuto, que cahira no tapete, e atirou-o ao lume. Diante daquelle homem gordo, que resonava, teve a visão de toda a sua vida methodica, calma e feliz transtornada, anarchisada. Uma resolução enérgica fortaleceu a sua alma branda. As illusões de amor apagaram-se. Tentou acordar Norman, bateu-lhe no hombro. Elle grunhiu qualquer cousa inintelligivel e continuou dormindo.

Então, Filippa, nervosamente dirigiu-se ao fogão, levantou um dos vasos de porcellana que adornavam a chaminé e deixou-o cahir no tapete. Ao ruido do vaso que se quebrara em estilhaços, Norman levantou-se. Ella desculpou-se. Encostara-se ao fogão, o vaso cahira... Era tarde elle estava cansado da viagem. Precisava de repouso. Era melhor que partisse.

Norman entendia que devia ainda conversar, combinar as suas cousas, marcar o dia do casamento. Filippa insistia para que se deixasse para o dia seguinte uma conversa tão grave. Precisava de reflectir... E, brandamente estendia-lhe o chapéu e a bengala, abria-lhe a porta, respondendo com evasivas ás suas declarações de affecto. Bocejando de somno, elle acabou por

sahir, beijando-lhe a mão fria. Filippa viu-o desaparecer na rua, fechou a porta, e, guiada por uma resolução definitiva, sentou-se á mesa e escreveu com letra firme a sua terceira carta:

«*Meu caro Norman, — Reflecti. Sinto-me velha, apagada á habito que nesta altura da vida, são difficéis de vencer. Restituo-lhe a sua palavra. Esqueça-me.*»

Assignou, sobrescriptou a carta, em que renunciava ao amor, pousou-a em cima das outras duas, que já escrevera, renunciando á gloria e á fortuna, e como á sua vida presidia o methodo, resolveu ir deitar as tres cartas ao correio, para liquidar de vez todo o desassociego daquelle dia.

...Quando, meia hora depois, no seu quarto, Filippa começava a despir-se, uma grande calma feliz repousava de novo a sua recta consciencia. Felizes são aquelles que de nada precisam. Ella era feliz. Que lhe faltava?

E então lembrou-se de que alguma cousa lhe faltava e que ella perdera naquelle dia: o seu vaso de porcellana!

Madeleine Gowham.

as casas. A parte alta pode ser forrada com um papel differente, ou ainda, com uma sedinha leve. Os dois quadros que decoram a parede, são duas gravuras que se encontram facilmente em qualquer revista ou jornal e que são colladas ao muro. Temos assim a nossa sala atapetada, com as suas paredes luxuosamente forradas a seda e lindamente decoradas. Falta-nos apenas o mobiliario. Com alguns pedaços de papelão, ajustados peça a peça, por meio de fios de arame, através de pequenos buracos, faremos com facilidade uma cadeira, um sofá, uma mesinha de centro. As cadeiras e o sofá podem ser forrados a seda e decorados com pequenas franjas. Com um retalho de seda faz-se uma almofadinha para o centro da sala. Um ou dois vasos de papelão, com uma palmeirinha, completarão a nossa sala, economica, coquette e interessante que fará as delicias dos nossos filhinhos.

HEROISMO OBSCURO

O TREM rolava desde pela manhã. A's cinco horas, Guerin, que olhava pela portinhola, começou a reconhecer o aspecto da região. Teve um suspiro de alegria: um sorriso silencioso distendeu seu rosto crestado. Aproximava-se de sua casa, de sua aldeia. Não tinha mais paes, ninguém o esperava, mas ainda assim estava contente por voltar lá durante alguns dias. Ia encontrar sua casa, que amava como uma pessoa e dizia que, como essa ferida não lhe fazia mais quasi nenhum mal, ia poder, durante sua licença, occupar-se da terra que devia ter necessidade de seus trabalhos. Uma unica cousa fazia-o ficar sombrio: a ideia de rever o tio e a tia Ballu, cujo filho, seu camarada de infancia, incorporado em seu mesmo regimento, morrera no começo da guerra.

O trem parou. Guerin desceu e teve uma emoção vendo a pequena *gare* sob suas arvores; poz-se a caminho, com pressa, respirando com delicia o odor familiar da tarde que cae sobre o campo.

Na entrada da aldeia encontrou o velho professor Fauque, que lhe ensinara a ler, 20 annos antes; depois o *maire* Morin. Pararam, a fim de conversar e Morin convidou-o para jantar. Mulheres appareciam em todas as partes e vinham para junto de Guerin. Ficou muito contente, mas se sentiu absolutamente feliz, quando chegou a sua casa.

De resto teve que sair quasi immediatamente para ir jantar com Morin. Depois do jantar as gentes da aldeia vieram tomar café com elles. Todos tinham endomingado para fazer honra a Guerin. Cercavam-n'o, interrogavam-n'o, e elle, com simplicidade, sem fallar de si, contava a guerra como a vira. Nos momentos de silencio ouviam-se os rumores nocturnos do campo e, pela janella aberta, entravam borboietas nocturnas, que vinham cirandar em torno da lampada.

De repente bateram.

São os Ballu, disse Morin.

Entraram. Guerin, reconheceu-os com difficuldade. Os dous velhos tinham mudado extraordinariamente. O tio Ballu, curvo, branco, marchava difficilmente, apoiando-se numa bengala e baixando a cabeça, senil. A tia Ballu emmagrecera, suas velhas mãos tremiam e seus olhos pallidos pareciam nada mais ver.

Soubemos que estavas aqui, disse lentamente o tio Ballu a Guerin, e viemos. Estamos contentes por te ver, meu rapaz...

A tia Ballu soluçou; e o velho continuou — Então, Guerin, queremos, que nos digas... sim... como nosso filho... Antoine... morreu... como o mataram... o que elle fez... Nada sabemos... mas como estavas com elle, deves saber...

Houve um momento de silencio e o velho recomeçou:

— Somos corajosos. Conta. De resto, isto consolará! Antoine era forte, corajoso, hei?... Sem duvida fez cousas extraordinarias... Ficaremos mais consolados quando soubermos de tudo...

Os dous velhos tinham se sentado. Olhavam Guerin. Talvez perguntassem com seus botões porque não era seu filho que estava ali no logar daquelle, que não tinha familia. Guerin parecia acanhado.

— Escutamos, repetiu o velho.

— Era em fins de setembro, começou Guerin com esforço. Estava-se perto de de um rio, no norte... Interrompeu-se.

— E depois? Que? Que fez o Antoine? Dize, não temos medo...

Guerin hesitava ainda, mas diante do olhar do velho, decidiu-se.

— Estavamos na primeira linha, com os das metralhadoras, numa aldeia. Era preciso resistir a todo transe. Houve um ataque dos allemães. Eram uma massa e os nossos cahiram uns após outros. Então elle ficou só! Sabia servir-se da metralhadora e defendeu a aldeia durante um quarto de hora. Atiravam sobre elle, mas elle resistia. Não podia ir embora porque o seu tenente e os outros estavam por terra a seu lado e tambem porque era preciso resistir. Então, os nossos chegaram e encontraram-n'o com sua metralhadora. Eis o que fez o filho de Ballu...

... só se sentiu absolutamente feliz quando chegou á sua casa.

Guerin falara depressa, de um folego. Parou.

— Quem fez isto é um heroe.

— Meu Deus, tio Ballu, acho que deve ter orgulho do seu pimpollo.

— E foi assim que elle morreu? — perguntou o velho com voz surda.

— Recebeu muitas balas, disse Guerin. Os allemães atravaram sempre.

— E's um bom rapaz, disse o tio Ballu. Agora, que sabemos, consolar-nos-emos com mais orgulho, não é, minha velha?

A velha nada disse. Chorava. A's 11 horas todos partiram.

A casa de Guerin era ao lado da escola de Fauque, na extremidade da aldeia. Foram juntos.

Quando ficaram sós, o velho professor parou e olhando Guerin, ao luar:



respirassem á presença de uma realidade formidável. Sentia-se todo aquele imenso ermo ocupado pela vontade poderosa da revolução. Em cima, o céu tristíssimo, povoado de nuvens crespas, muito densas, que um luar fraco bordava de transparencias pallidas.

De vez em quando das perspectivas de sombra, saía um rumor de vozes abafadas, logo feitas silencio; de vez em quando um rumor sêco de bainhas de folha contra esporas e um estrepito de patas de cavallo, escarvando o calcamento, batendo a passos regulares, espalhando-se em estalado galope. Em geral, silencio de morte.

Entre as poucas pessoas que, illudindo o consentimento da policia, tinham conseguido occultar-se em diversos sitios de observação, murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-imperador. Dnas oras da madrugada, entretant, tinham marcado os relógios das torres, e nada de novo, dos lados do paço, viera agitar o solene socego do largo.

Pouco antes dessa hora, houvera um grande movimento do lado do mar. Daí soára repentinamente um grito de alarma.

A noticia divulgada, de assaltos prováveis de gente da Armada contra a tropa, assaltos que seriam razoavelmente favorecidos pelo negrume da noite, que subia do mar sobre o cães como uma muralha preta, furada apenas pela linha de pontos lúcidos da iluminação de Niteroy, dava para impressionar de susto um grito perdido da sentinella. Houve um tropel de cavalos, e logo uma, duas, outra, muitas, detonações de espingarda, em desordenado tiroteio.

Nada havia de grave. Um individuo, que tentára embarcar-se contra a vontade da ronda, fora preso; escapando ás mãos da patrulha de infantaria que o prendêra, tinha-se lançado ao mar para fugir, nadando. Alguns soldados atiraram a esmo para assustá-lo, enquanto outros tomavam um bote, com o qual pegáram de novo o evadido. Logo em seguida foi visto o preso passar, á luz dos lampeões, empurrado por guardas.

Houve quem supusesse que os tiros foram um sinal. Com efeito, tal qual se assim fosse, ouviu-se pouco depois, no meio das trevas da bahia, o rebate chocalhado da hélice de uma lanchar a vapor. Uma pequena luz vermelha estrelou-se no escuro, diante do cães, e, ao fim de poucos momentos, o lado do molhe de embarque do Pharoux, vinha cessar o barulho da hélice, com duas pancadas de um timpano de bordo e a passagem de uma rápida sombra flutuante sobre a sombra inquieta das aguas.

— E' a lanchar do imperador! pensaram os que viam, com a oppressão natural que devia provocar a quele

anúncio da eminencia de um grande momento.

Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do socego da noite. A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarca deposto, a anclidade de perceber o movimento significativo, no portão do paço, prolongou indefinidamente a duração desta expectativa.

O profundo silencio do logar pareceu fazer-se maior, nessa occasião, como se a noite comprehendesse que se ia, ali mesmo, em poucos momentos, estrangular a ultima hora de um reinado. A tranquillidade que havia era lígubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do mordido dos freios dos corceis de cavalaria em recantos afastados. Frouxamente clareados pela iluminação urbana, as cascas ao redor do largo, os edificios públicos pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janelas, a não ser nos ultimos andares de uma casa de saude.

Apesar disso, que se acreditaria indicar a completa ausencia de espectadores para a scena que se ia passar, algumas janelas abertas apareciam como retábulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros.

— Sobra D. Pedro! Em homenagem a severidade da determinação do governo revolucionario, ninguém queria *ter sido* testemunha da misteriosa eliminação de um soberano.

A's três horas da madrugada, menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do paço houve um ruído tumulto de armas e cavallos. As patrulhas que passeavam de ronda retiraram-se todas a occupar as entradas do largo, pelo meio do qual, através das arvores, iluminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancólicos dos lampeões de gaz.

Apareceu então o préstito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por dois cavallos, que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando. A' frente, duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véus, como a buscar caminho para o triste veiculo. Fechando a marcha, um grupo de cavaleiros, que a perspectiva noturna detalhava em negro perfil. Divisavam-se vagamente, sobre o grupo, os penachos vermelhos das barretinas de cavalaria.

O vagaroso comboio atravessou em linha recta, do paço, em direcção ao molhe do cães Pharoux. Ao aproximar-se do cães apresentaram-se alguns militares a cavallo, que formaram um caminho.

— E' aqui o embarque? — perguntou timidamente uma das senhoras de preto, aos militares.

O cavaleiro, que parecia um official, respondeu com um gesto largo de braço e uma atenciosa inclinação de corpo. Por meio dos lampeões que ladeiam a entrada do molhe passaram as senhoras. Seguiu-se o coche fechado. Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o sr. D. Pedro de Alcantara apeou-se — um vulto indistincto entre outros vultos distantes — para pisar a ultima vez a terra da Patria. Do posto de observação em que nos achavamos, com a difficuldade, ainda mais, da noite escura, não pudemos distinguir a cena do embarque. Foi rapido, entretanto. Dentro de poucos minutos ouvia-se um ligeiro apito, ecoava no mar o rumor igual da elice da lanchar, reaparecia o clarão da iluminação interior do barco; e, sem que se pudesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a força o vapor, o ruído da elice e o clarão vermelho afastavam-se da terra...

Raul Pompeia

EXPEDIENTE

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remettermos como presente O Adaluis elegante livrinho de receitas de cozinha e doces ou um fasciculo do "Cyrauo de Bergerac" de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis alem do Adaluis, e á que nos enviar 2 assignaturas terá direito no sorteio de um enoval de noiva, um mobiliario ou um conto de reis em dinheiro.

Avisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á Da. Virgínia de Souza Salles, directora da Empreza Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87, São Paulo.

MOLESTIAS CONTAGIOSAS

A Directoria do Serviço Sanitario faz publico que são molestias de notificação compulsoria: a varíola; a escarlatina; a peste; o cholera; a febre amarella; a difteria; a infecção purpúrea; a ophthalmia dos recém-nascidos nas maternidades; o typho e as febres typhoides e paratyphicas; a tuberculose aberta; a lepra ulcerada; o impaludismo; o antistomatose; o trachoma e a conjunctivite purulenta; a dysenteria; a coqueluche, sarampo e a parolite nos collegios, asylos e habitações collectivas; a meningite cerebro-espinhal epidemica.

São obrigados a esta notificação: a) o medico chamado para prestar cuidados ao enfermo; b) o proprietario responsavel pelo predio de habitação collectiva; c) o director o chefe do estabelecimento, fabrica, collegio ou asylo onde estiver o doente; d) o chefe da familia; e) o parente mais proximo que residir com o enfermo; f) o enfermeiro ou o encarregado do enfermo mais proximo.

O secretario,

JOAQUIM R. TEIXEIRA.

O PRAZER DA CAÇA

GUY DE MAUPASSANT



CHEGOU o tempo das tarambolas.

De abril aos fins de maio, antes de os banhistas parisienses chegarem, vê-se de repente apparecer, na pequena praia d'Etretat, alguns homens velhos preparados em traje de caça. Passam quatro ou cinco dias no hotel Hauville, desaparecem, voltam tres ou quatro semanas mais tarde; depois, feita uma nova estada, vão-se definitivamente.

Vemol-os depois, na primavera seguinte.

São os ultimos caçadores de tarambolas, os que restam, são os velhos; porque eram uma vintena de fanaticos, ha trinta ou quarenta annos e hoje não são mais que alguns furiosos atridores.

A tarambola é uma ave viajera muito rara, cujos habitos são extraordinarios. Habita em quasi todo o anno as paragens da Terra Nova, as ilhas de San-Pedro e Miquelon; mas, no momento dos amores, um bando d'emigrantes atravessa o Oceano, e, todos os annos vem pôr e chocar no mesmo logar, na rocha chamada *das Tarambolas*, d'Etretat. Não se encontram n'outra parte da Franca, a não ser alli, apenas alli.

Continuam sempre a vir. Continuam sempre a ser caçadas e sempre continuam a voltar, e voltarão sempre. Dentro de pouco as pequeninas educandas partirão, desaparecerão por um anno.

Porque não vão ellas para outra parte, porque não escolhem outro ponto d'aquella comprida riba de mar que corre de Pas de Calais ao Havre? Que força, que instincto invencivel, que habito secular impelle aquellas aves a voltarem sempre ao mesmo logar? Que primeira immigração, que tempestade talvez, arrojou out'ora seus paes sobre aquella rocha? E porque razão os filhos, os seus filhinhos, todos os descendentes das primeiras d'essas aves voltam sempre áquelle logar!

Elas não são numerosas: uma centena quando muito, como se uma só familia hovesse aquella tradição, realizasse aquella peregrinação annual.

E cada primavera, desde que a pequena tribu viajera se installa sobre a rocha, os mesmos caçadores reaparecem na aldeia. Conheceram-os moços out'ora; hoje são velhos, mas fieis ao *rendez-vous* regular que alli se dão desde ha trinta ou quarenta annos. Por cousa alguma d'este mundo elles alli faltarão.

Era por uma noite de abril, noite de luar dos ultimos annos. Tres dos melhores atridores de tarambolas acabavam de chegar; faltava um d'elles, o senhor d'Arnelles. Não escrevera a ninguém, não dera nova alguma de si! No entanto, não havia morrido como tantos outros. Se assim fosse saber-se-ia.

Afinal, cansados de esperar, os que haviam chegado primeiro sentaram-se á mesa; e uma carroagem rodejou no pateo da hospedaria; e o retardario entrou então.

Assentou-se alegre, esfregando as mãos, comendo com famoso appetite, e, como um de seus companheiros se admirasse de que elle estivesse de sobrecasaca, respondeu tranquillamente:

— E' verdade, não tive tempo de mudar de fato.

Deitaram-se ao levantar da mesa, por que, para surprehender as aves, é preciso partir muito antes do dia. Nada mais lindo que aquella caçada, aquella passeio matinal.

Logo ás tres horas da manhã, os marinheiros despertam os caçadores, atirando-lhes areia aos vidros. Aquelles acham-se em poucos minutos promptos a descer. Muito embora os aviores da manhã não se mostrem ainda, as estrelas acham-se um pouco esmorecidas; o mar faz ranger os seixinhos; a brisa é fôo fresca que faz tremer um pouco, apesar dos fatos grossos. Dentro em pouco os barcos impellidos pelos homens, resvalam bruscamente por sobre a ladeira de seixos redondos, com um ruído de panno que se rasga; depois baloçam-se sobre as primeiras vagas. A vela pardacenta sóbe ao mastro, incha-se um pouco, palpita, hesita e, abaluhando-se de novo, arredondada como um ventre, leva essas cascas de noz embreadas, para a grande porta do mar que se destingue vagamente na sombra.

O ceu dealba; as trevas parecem derreter-se; a costa apparece ainda velada, a grande costa branca, direita como uma muralha.

Transpõe-se a Manne-Porte, aboboda enorme por onde poderia passar um navio; dobra-se a ponta da Courtine; eis o valle d'Antifer, o cabo do mesmo nome; e de repente divisa-se uma riba onde centenas de gaivotas se acham pousadas. E' a rocha das tarambolas.

Essa rocha é simplesmente uma pequena bossa da grande riba; e, sobre as estreitas cornijas d'ella,

mostram-se cabeças de aves que olham para os barcos. Ellas lá estão, immoveis, esperando, não se arriscando ainda a partir. Algumas, como que pespontando os rebordos mais avançados, tocam o ar de achar-se assentadas sobre o trazeiro, postadas em forma de garrafa, porque tocam as patas tão curtas, que parecem, quando marcham, escorregar como animas de rodas; e, para voarem, não podendo tomar impulso, é-lhes preciso cahirem como pedras, até quasi junto dos homens que as espreitam.

Essas, conhecem a sua enfermidade e o perigo que lhes creou e não se decidem com presteza a fugir. Mas os marinheiros põem-se a gritar, batendo as proximidades com os toletes de madeira, e as aves, cheias de susto, voam uma a uma, no vacuo, precipitadas até ao rez da vaga; depois, batendo as azas a pancadas rapidas, voam, voam sempre, e quando ganham o largo uma granizada de chumbo atira-as á agua.

Durante uma hora metralham-as d'este modo, forçando-as a sahir do sitio em que se encontram, uma após outra; e algumas vezes as fêmeas, no ninho, apogadas ao chão, não se vão, e recebem golpe sobre golpe, as cargas que fazem saltar sobre a rocha branca gotas de sangue róseo, em quanto que o animal expira sem haver deixado os ovos.

O primeiro dia, o senhor d'Arnelles caçou com o seu afan habitual; mas, quando partiu, pelas dez horas, sob o alto sol radioso, que lançava grandes triângulos de luz nas chanfraduras brancas da costa, mostrou-se um pouco pensativo, abstracto por vezes, contra seu costume.

Logo que voltaram da caça uma especie, de creado, vestido de preto, veio fallar-lhe baixinho. O senhor d'Arnelles, d'esta vez, errou muitos tiros, apesar das aves quasi se deixarem cair junto ao orificio da sua espingarda; e os seus amigos riam, perguntando-lhe se andava de amores, se alguma perturbação secreta lhe remoia o coração e o espirito.

Por fim, elle disse:

— Sim, na verdade, é preciso que eu parta des-de já, e isso contraria-me.

— O quê! o senhor parte? E porquê?

— Oh! ha um caso urgente que me chama, não posso ficar por mais tempo.

Depois fallou-se de outra cousa. Logo que o almoço acabou, o creado de preto reapareceu. O senhor d'Arnelles ordenou que atrelassem; e o homem ia sahir, quando tres outros caçadores intervieram, insistiram, rogando e solicitando que retivessem o seu amigo.

Um d'elles, por fim perguntou:

— Mas, vejamos, não deve ser tão urgente esse negocio, pois que o senhor já pôde esperar dois dias! O caçador, inteiramente perplexo reflectiu, visivelmente combatido, atraído de um lado pelo prazer e do outro por uma obrigação, infeliz e perturbado. Depois de longa meditação, murmurou, hesitante:

— E' que... é que... eu não estou aqui só; tenho o meu genro.

Ouviram-se gritos e exclamações:

— O seu genro?... mas onde está elle?

Então, de repente, elle pareceu confundido e corou. Como! então não sabem?... Mas... mas... Elle está sob despacho... morreu.

Reinou um silencio de estupefacção.

O senhor d'Arnelles tornou, cada vez mais perturbado.

— Tive a infelicidade de o perder; e, como conduzia o corpo para minha casa, para Briseville, fiz um pequeno desvio para não faltar ao nosso *rendez-vous*. Mas, como devem comprehender, não me posso demorar por mais tempo.

Então, um dos caçadores, mais activo, disse:

— Todavia... uma vez que elle está morto... parece-me... que poderá esperar mais um dia.

Dois outros não hesitaram:

— E' incontestavel, disseram.

O senhor d'Arnelles parecia aliviado de um grande peso; e, ainda um tanto inquieto perguntou:

— Mas, oíçam cá... francamente... acham que...?

Os outros tres responderam:

— Pois então! meu caro, dois dias de mais ou de menos nada farão, no estado em que elle se encontra. Então, inteiramente tranqullo, o sogro voltou-se para o gato-pingado:

— Pois bem! meu amigo, ficará por conseguinte para depois de amanhã.

Continuação do artigo «ARAGEM QUE PASSA»

da! O motivo que me levz a escrever-lhe é o sr. Canyne ter dito a meu marido que este mesmo individuo lhe vendeu ha pouco tempo, outro cão; por esta fôrma eu julgo que me poderá supprir a falta do endereço perdido.

Não o encommendaria se o sr. Canyne não tivesse partido esta manhã para a Suecia, sendo muito demorado appellar para elle.

Com affectuosos cumprimentos para sua mulher e para si, sou — Sua sincera amiga, *Jane Danver*. — P. S. — Parece-me que a morada tinha qualquer cousa de *Court*; mas a minha pobre memoria torna-se dia a dia mais parecida com uma peneira; daqui a pouco esquecerei o meu proprio nome. — J. D.

O que se seguiu foi deveras compromettedor para um leque branco e virginal.

Keith Dellmore agarrou-me, cobriu-me e cobriu-me, de ardentes beijos; depois, sahindo precipitadamente do gabinete, encontrou a mulher, que descia a escada.

— Yolanda! exclamou.

— Que me queres?

— Eu, eu acabo de receber isto, lê! Silencio. Apenas o ranger do papel da carta que ella estava lendo.

— Bem, já a li. Ainda bem para ti que tudo se explica... para mim não me faz differença... *duvidaste de mim!*

E sem pronunciar mais palavra encaminhou-se para a porta, emquanto Keith Dellmore, voltando-se tornou a entrar no gabinete.

Passaram instantes. Outra vez me encontrei sobre a

secretaria, junto da cabeça curvada de um homem.

Era horrivel vel-o assim! Como podia ella, como podia uma rapariga, tendo deante de si todas as alegrias da vida, sacrifical-as, só por estúpido orgulho!

Se ao menos eu a pudesse chamar... se ao menos...

Ah! que ruido é esse? O *frou-frou* das saias de seda de uma mulher! A porta abre-se.

E' Yolanda.

Approximou-se d'elle suavemente.

— Meu amor, murmurou ella. Não sinto forças para partir... sem ti o mundo é um deserto... Keith, eu quero ficar... guarda-me bem no teu coração!

E elle, abrindo os braços, guardou-a no coração.

Versão de *Celia Roma*.



O pequeno Geraldo, com 1 anno e 8 mezes, filhinho do grande photographo Fitz Geraldo

Um premio especial da

REVISTA FEMININA

Enorme interesse tem despertado a lindissima exposiçao de photographias artisticas que está fazendo a *The American Photo Art. Co.* na vitrina do «Estado de S. Paulo», na praça Antonio Prado. E' positivamente o que de mais lindo e de mais perfeito tem S. Paulo visto em arte photographica. Não se trata da photographia banal, que reproduz a figura, sem a alma; mas de photographias que têm vida, que têm calor, que parecem estuar, que nos dão quasi a reproducção graphica do movimento. No genero feminino ha graças que se revelam como por encanto, graças que existiam despercebidas e que o artista sabe fazer realçar, com poses admiraveis e efeitos surpreendentes de luz.

No desejo de sempre proporcionar ás nossas leitoras, novos premios, entramos em accordo com *The American Photo Art. Co.*, para que distribuisse gratuitamente, cem retratos em ponto grande ás cem primeiras das nossas leitoras que lhe enviar o coupon abaixo. E como não queremos que só as leitoras da Capital gozem do novo premio, estabelecemos que cincuenta retratos serão distribuidos nesta Capital e cincuenta, pelas nossas leitoras do Interior. Assim pois as 50 primeiras de nossas leitoras do Interior, que mandarem fazer uma duzia de retratos na *The American Photo Co.*, terão direito a uma reproducção em ponto grande, si dentro do prazo improrogavel de 3 mezes apresentarem o coupon abaixo.

Para garantir o direito do premio as leitoras do Interior devem enviar immediatamente o coupon abaixo a *The American Photo Art. Co.*, pois ficaram assim, si elegirem a tempo, com os seus nomes inscritos nos livros da Companhia e com o direito ao retrato em ponto grande pelo prazo de tres mezes, e ganharam este direito sem por elle contrahir nenhuma obrigação. A *Photo Art. Co.* possui um retrato em ponto grande para todos os preços desde 60\$000 até 200\$000 além de outros mais modestos e a sua exposiçao, que é um deslumbramento, continuará aberta na vitrina do Estado. Comem pois enviar-lhe immediatamente o coupon abaixo, para garantir o premio e em seguida visitar o atelier, sito nos altos da Casa Michel n. 15, rua 15 de Novembro, 27.

□ □ □

THE AMERICAN PHOTO ART. CO.
Rua Quinze de Novembro, 27.—Altos da Casa Michel
— Premio a 100 leitores da REVISTA FEMININA —

Nome

Residencia

OS PENTEADOS

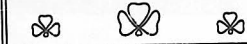


FIG. I - Penteado para cabelos abundantes e compridos

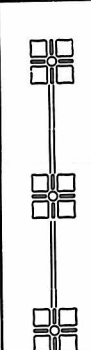


FIG. III - O chignon

UM PENTEADO FACIL. - Para as senhoras que têm cabelos muito abundantes e muito compridos o penteado é sempre difficil. Ahamos pois de utilidade ensinar-lhes um penteado facil e rapido, bastante elegante e que muitas vezes lhes será de precioso soccorro. O penteado, que as nossas gravuras melhor explicam, é simples, sem postichos. Separam-se os cabelos em duas porções, como se vê da grav. n. II, e por uma

linha que vai de uma á outra orelha. Uma outra linha vae da ponte ao alto do craneo e divide ainda em duas porções os cabelos do alto da cabeça. Cada porção forma um lado do bouffant que enquadra o rosto. Enrola-se sobre si mesma á ponta de cada mecha e desliza-se com ella sobre o bouffant ao qual ella serve de enchimento. Vem-se na gravura as mãos que fazem deslizar o enchimento por baixo do bouffant da direita. A' esquerda o bouffant está já preso pelos grampos, por cima do enchimento.

Fig. n. III - 2.º tempo. Enrola-se a massa inferior dos cabelos que se enrola em seguida. Forma-se com este torçal um anel, ao redor do qual se enrola a ponta do torçal, que é em seguida fixado por pentes de tarruga.



FIG. II - Divisão dos cabelos



FIG. IV - A parte posterior do penteado



Trabalhos de senhora

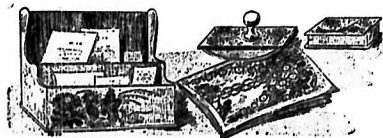


Fig. 1. - Colleção para escriptorio.

Linda colleção de escriptorio em pyrogravura: classificador, mata-borrão e estajo para sellos. A pasta é feita em papelão e coberta do selo bordada, segundo o risco n.º 3. O classificador pode tambem ser feito em papelão grosso, forrado a seda e bordado. Para tal fim cortam-se tres rectangulos de papelão, um de 12 cent. x 25, outro de 16 x 25 e outro de 22 x 25. O fundo será um rectangulo de 12 x 25; os lados terão 12 cent. de largura e serão recortados superiormente de modo que os 3 pontos correspondam exactamente como altura ás differentes alturas dos 3 rectangulos que formam as divisões dos compartimentos.

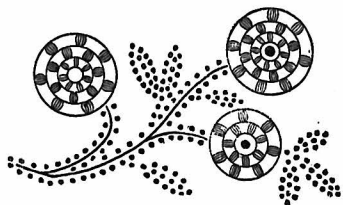


Fig. 2. - Modelo para o mata-borrão e para o estajo de sellos.

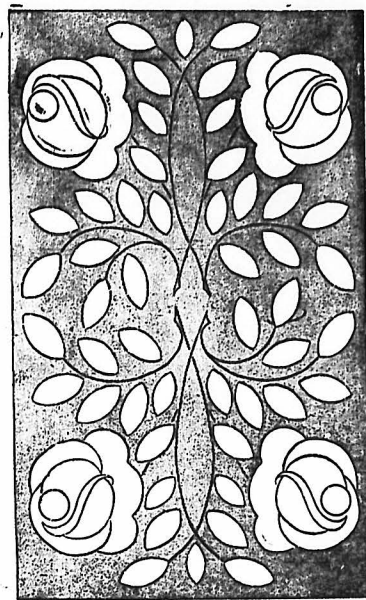


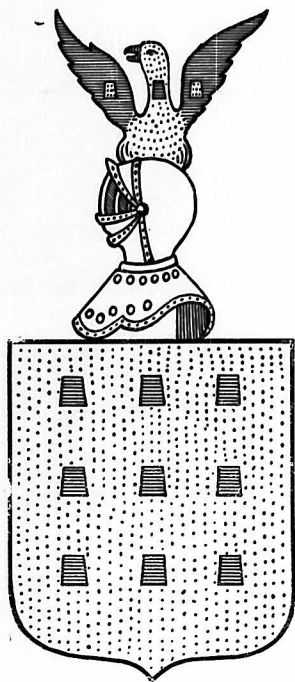
Fig. 3. - Modelo para a pasta.



Fig. 4. - Motivo para a frente do classificador.

A NOBREZA PAULISTA E SEUS BRAZÕES

Em pleno regimen democratico, como o nosso, parece um anachronismo, ir rebuscar os titulos de nobreza das velhas familias paulistas, cujos rebentos mantem ainda hoje a nossa hegemonia na confederacao brasileira.



BRAZÃO DOS CUNHAS

Achamos porém interessante para a nossa Revista, que aborda tantos e tão variados assumptos, fazer um estudo retrospectivo sobre a familia paulista e tornar conhecidas a muitos paulistas actuaes, as armas de seus antepassados, a maioria das quaes figuram brilhantemente nos feitos heroicos da nossa Historia. E devemos á senhorita Annita Tibiriça, as notas que vamos publicar sobre os brazões da antiga nobreza paulista, assumpto que tem merecido do seu espirito cultivado e estudioso, carinhosa atencão. Como muito bem diz a nossa distincta collaboradora

«Raros são os moços paulistas que conhecem os feitos gloriosos de seus avós e os brazões que delles lhes advem e os quaes podem uzar nos seus sinetos e papeis». E' claro que o limitado espaço de que vamos dispomos e a prolixidade do assumpto que vamos abordar, não nos permitem uma explanação completa, que os leitores poderão encontrar nos diversos volumes da paciente e vallosa obra do eminente paulista dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme. Vamos apenas reproduzir os brazões dos nossos antepassados e dar ligeiras notas, sobre os seus principaes descendentes actuaes, que os podem uzar.

Como não podemos dar cada brazão com as suas cores proprias, tal a diversidade de cores, adoptamos desenhos especiaes para cada cor, que assim deverão ser interpretados:

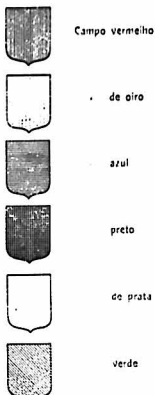
Pedimos ás nossas leitoras que se interessarem por este assumpto, que conservem o presente numero da nossa Revista, que lhes servirá para a leitura de todos os brazões, que vamos publicar.

Os Cunha Gago e seus brazões

Entre os fidalgo de alta linhagem que figuram na historia paulista, merecem um lugar de destaque, os Cunha Gago, cuja descendencia é numerosissima em nosso Estado. No 3.º volume da sua Genealogia Paulistana, assim noticia o dr. Luiz Gonzaga, o inicio de tão nobre familia: «Teve começo esta familia em Henrique da Cunha, amigo do almirante portuguez Martim Affonso de Souza, que com elle passou a S. Vicente, em 1531, com sua mulher d. Filippa Gago.

Elle pertencia á illustre Casa dos Cunhas, os quaes procedem pela linha recta masculina de el-rei Dom Fruella II, rei de Leão, Asturias e Gallizia, no anno de 923. Sua mulher, dona Filippa Gago, era parente proxima do 1.º capitão-mór governador-loco-tenente do donatario da Capitania de S. Vicente, Antonio de Oliveira, cavalleiro fidalgo da casa de el-rei dom João III. Teve quatro descendentes: Izabel, Maria e Martha, Henrique da Cunha Gago e João da Cunha Gago. Numerosos foram os descendentes de Henrique da Cunha Gago, que se casou tres vezes e na historia de então, o nome dos Cunha Gago occupa lugar proeminente. Em 1660 os Cunha Gago e os Ortiz Camargo estiveram empenhados em violenta lucta, pela posse do governo e foi Henrique da Cunha Gago (neto), quem assignou o pacto de harmonia com os Ortiz.

Henrique Cunha Gago Netto casou-se em 1632, em S. Paulo, com d. Anna de Almeida Prado e delles deriva a descendencia Almeida Prado. Na vasta descendencia dos Cunha Gago, que se vaie conjugando



com outros nomes igualmente nobres, no decorrer das gerações, encontramos alguns de maior destaque, que citamos ao correr da pena.

O capitão-mór, João Francisco Vieira, casado em 1758, em Guaatinguetá, com Anna Maria da Conceição, filha de Bartholomeu de Moura; falleceu em Taubaté deixando a descendencia Vieira de Moura — entre os quaes o capitão Bento Vieira de Moura, soldado da Guarda de Honra de D. Pedro I, condecorado com o habito de Christo e esteve ao lado do Imperador, no Ipyranga, a 7 de Setembro.

Dr. Francisco H. de Moura, o 1.º paulista formado em Medicina pela Fac. do Rio de Janeiro; D. Carlota de Moura, casada com o dr. Luiz A. Varella; dr. Gentil Moura, fallecido sem descendencia em 1903; dr. José O. de Almeida Moura, que deixou uma filha d. Ruth de A. Moura, que se casou com o dr. Novaes, medico; d. Ambrosina de Moura, que se casou com o José M. Inglez de Souza; dr. Ernesto Moura, que se casou com d. Maria Dias e tem um unico descendente, Decio;

Os Moura Escobar; os Moura Marcondes; os Alves de Moura e os Alves Guimarães, entre os quaes Mon-senhor João Alves C. Guimarães e padre José Affonso de Moura; mon-senhor José Francisco de Moura Guimarães, que exerceu o cargo de secretario do Cardenal Arcebispo; e a seguir os Cunha Guimarães, os Cruz Guimarães, os Moreira da Costa, os Gomes Marcondes, pela alliança de d. Ignez Justina de Moura com Manuel Gomes Marcondes; os Cunha Maciel, os Cunha Lobo, entre cujos descendentes figura Miguel de Almeida Prado, que ainda menino, internou-se no sertão, a descobrir novas terras com a alma ousada de bandeirante. Era bisneto de Izabel Fernandes, mulher de Henrique da Cunha Gago.

No ramo Almeida Prado, ha o capitão-mór João de Almeida Prado, cavalleiro do Habito a Christo, cognominado — «A columna de Itú»; o capitão Francisco de Almeida Prado, cognominado «O chapa»; coronel Elias de Almeida Prado, fallecido em 1854, em Piracicaba; e João? Tibiriça Piratininga, que merece especial menção, pois seu nome verdadeiro era João de Almeida Prado Junior. Tendo ido este Almeida Prado a estudos em Coimbra, foi appellidado o — Tibiriça Piratininga — como allusão ao cacique que dominou S. Paulo e elle acabou por adoptar o nome de João Tibiriça Piratininga. Eis a razão da entrada destes dois nomes indigenas na alta linhagem dos Cunha Gago.

Entre os filhos do Tibiriça Piratininga, está o dr. Jorge Tibiriça, ex-presidente do nosso Estado e que tem os seguintes filhos: Leonor, João, Anna, Georgina, Jorge, Antonio e Paulo.

Seguem-se os Almeida Prado, de Itú, de In-dayatuba, de Tieté, de Limeira (Pacheco de Almeida Prado), de Janú, os Almeida, de Capivary, de Porto Feliz.

Com o casamento de Marcelino de Almeida Camargo, em 1720 com d. Anna Lima, vieram os Lima Camargo, que deixaram em Atibaia os Domingues Paes, os Bueno de Camargo.

Da descendencia de Manuel da Cunha Gago, são os Cunha Macedo, os Nunes Leite, os Leite da Cunha, os Nunes de Siqueira, os Leme de Miranda, os Nunes Bieudo, os Nunes de Mattos, Sorocaba e Mogy das Cruzes, os Nunes Nogueira, Sorocaba; os Siqueira Nunes, os Nunes Maciel, de Mogy das Cruzes.

Entram os Leite de Mogy e de Amparo, com o ramo Francisco Nunes de Mattos, que em 1773, se casou em Mogy com Rita Maria de Sant'Anna, filha de João Leite de Siqueira, do qual é neto o capitão Angelo Leite de Siqueira, que teve os seguintes filhos: José Leite de Souza, casado em 1836 no Amparo; Francisco de Paula Leite; Mathilde Leite de Souza, casada com o capitão Antonio José de Arruda, com um unico descendente o dr. José Leite de Arruda e

Coronel Luiz Leite, Barão de Socorro, que se casou no Amparo, com d. Deolinda Leite de Souza Arantes e que teve os seguintes filhos: Lydia, casada com o dr. José Leite de Arruda;

Dr. José Leite de Souza, casado com d. Carlota Cordeiro;

Dr. Luiz Leite Junior, advogado em S. Paulo, casado com d. Brandina Leite;

Maria de Souza Leite, viuva de Lucio Seabra;

Luiza de Souza Leite, casada em 1902, com o medico, romancista e dramaturgo dr. Claudio de Souza;

Dr. Raul de Souza Leite, medico no Amparo;

Anezia de Souza Leite, casada com o dr. Plinio Assis Pacheco;

Brenno de Souza Leite, fazendeiro no Amparo;

Dr. Antenor de Souza Leite, casado com d. Ildefonsina de Castillo.

No nosso proximo numero continuaremos a publicar a relação dos descendentes da nobre linhagem dos Cunha Gago, que podem usar o seu brazão, que passamos a descrever:

BRAZÃO DOS CUNHAS

Em campo de ouro, nove cunhas de azul, em 3 palmas; timbre um arxibho nascente de ouro, com cunhas de azul e as azas de azul com cunhas de ouro. Estas armas estão descriptas no livro da Torre do Tombo, em Portugal, lis. 49.

BRAZÃO DOS GAGOS

Em campo vermelho uma aspa firme de prata, entre tres crescentes do mesmo metal e uma estrella de ouro de 8 pontas em chefe; timbre um leopardo de prata com uma estrella vermelha na testa. (Continua no proximo numero).



BRAZÃO DOS GAGOS

Uma lição illustrada de puericultura



Fig. 1. — Uma criança mal cuidada, arrastando-se pelo chão, onde apanha, para levar à boca, objectos diversos e restos de alimentos deteriorados.



Fig. 2. — Uma criança bem cuidada, no seu berço, de rodas, onde sem nenhum perigo aprende a andar.



Fig. 3. — Uma criança arrastada pela escada, com perigo de deslucarse o braço.



Fig. 4. — Uma criança á qual se ensina racionalmente a subir uma escada.



Fig. 5. — Uma mamadeira anti-higienica; sua forma quadrangular não permite uma limpeza completa; o longo tubo de borracha vive cheio de detritos e fatiga os pulmões da criança, com os esforços de uma sucção difícil.



Fig. 6. — Uma mamadeira higienica; redonda; sem arcos; fácil de lavar; um bico curto, que não exige grandes esforços para deixar sair o leite.



Fig. 7. — Criança infectando-se com uma chupeta que se deixam contaminar, pelo chão e sobre a qual as moscas deixam milhares de germens.



Fig. 8. — Uma criança sem tratada, no seu leito, em posição normal, bebendo agua filtrada e pura, por uma mamadeira rigorosamente limpa.

A MODA

“VEU voltou?”, pergunta-me por carta, uma das leitoras desta secção. “Voltou, sim, senhora!”, respondo-lhe eu, como as creanças, quando se lhes pergunta si o “balão furou!”

Voltou e está fazendo furor em Paris. Aliás era coisa de esperar. Com a guerra a franceza deixou de pintar-se; o maquillage de que tanto se abusava — e que tão bem descreveu João Luso, na sua *Eterna Mascara*, publicada no nosso numero passado — foi aos poucos perdendo a voga. Umas não se pintavam porque a morte de um ente querido, em campanha, lhe roubara da alma a alegria; outras, porque com a conflagração as tintas subiram de preço e a glicerina deixou de fazer parte da belleza feminina, para se occupar exclusivamente com o fabrico de explosivos. E transformou-se; si alguma glicerina ainda se encontrava nalgum velho vidro de alguma bolorenta pharmacia, não podia por muito tempo resistir ás satyras das baratas e das traças:

— Voilá un embusqué!
Motejavam-na e cobriam-na de apodos:

— Pois quando a glicerina toda está na guerra, explodindo pela Patria, você se deixa abelhar, como si a coisa não fosse consigo!
Ora, ora! Vista-se de melinite, de dynamite, de nitro-glicerina, do que você quizer, mas vá cumprir o seu dever!

E a pobre glicerina não tinha remedios, apesar de estar em meio de elles e tinha que trocar o seu canto escuro e placido de pharmacia, pela atmosphera tonitruante dos campos de batalha.

Sem glicerina, com tintas caras e as almas varadas de dor — as mulheres não mais se pintavam. Havia duas razões economicas e uma razão affectiva; bastavam as primeiras.

Desapparecida a pintura — a maquillage dos nossos francezinhos — as faces mostraram-se um tanto resequecidas e desmerecidas.

O brilho de estuque dos vernizes de belleza, os «crepusculos incendidos» das largas pinceladas de carmin, os olhos achinezados com dois traços obliquos, a bitre e a rollha queimada, os labios «côr do arrehol», arranjados com um pouco de vermelho liquido — tudo desapareceu. Surgiu a pelle fanada, enxugada, jaspada... E foi assim que voltou o veu, que já ia cahindo em abandono.

Nos boulevards de Paris já

carra feminina *não se vê sem veu* e a imaginação creadora da indumentaria elegante, está applicada em variar os typos e os modelos. Os veus em tulle muito fino são os de maior voga; são em rede octogonal bordada, formando flores ou arabescos, com cordõesinhos lateraes, que passam pelas malhas.

Quanto ao tamanho e á forma variam muito. Se são para o chapéo de aba em dimensões sufficientes para cobri-lo por completo, prendendo-se em cima, na copa, por meio de alfinetes e recolhendo-se as pontas, sem cingil-o estreitamente ao rosto, com o intuito de levantá-lo facilmente quando fór preciso.

Outros ha que parecem uma saia em miniatura com a roda em cima bastante para rodear o chapéo e tres ou quatro vezes mais em baixo, de modo que cãe formando pregas, o que não deve ser nada commodo e é prejudicial á vista.

Os que têm desenhos commpram-se aos metros, rematando-se com um estreitissimo bico de renda.

Ha, ainda, os lisos que se chamam «jersey», de seda, menos vaporosos, e portanto, menos bonitos, que se podem collocar indistinctamente justos ou fluctuantes.

Entre os primeiros, o mais classico e que é talvez o que não chegará a generalisar-se, é completamente redondo, tem dois metros e oitenta e cinco centimetros de diametro, servindo-lhe de orla uma renda «Chantilly».

O veu tornou-se obrigatorio na presente estação. Nós não temos as mesmas razões para adoptar tão entusiasticamente a nova moda. A nossa pintura com excepção talvez do Rio e S. Paulo onde já se começava a exaggerar — era ainda elemental. Havia moças que se limitavam a esfregar as faces com um papel vermelho qualquer, previamente molhado em o... quero dizer, humedecido nas suas lindas e nacaradas boquinhas... Levavam outras o seu dengue a uma pintinha preta, que nunca cahia no mesmo lugar, mas que era fácil de fazer com um grampo enfumacado na chamma de uma vela... Ajunte-se a isto um pouquinho de carvão moído para fazer olheiras, quando a gente tinha que dizer ao noivo que passou a noite sem dormir por causa delle — e ahí está o resumo da pintura feminina no Brazil.

Si por esse lado o veu não nos vem prestar grande serviço, elle nos oferece precioso auxilio, contra o sol causticante e a poeira horrivel das nossas cidades. Além do que, para cima dos cincoenta quando a mulher ainda não se convenceu que... se deve tornar muito catholica... é preferivel



Modelo de lã SAISON

Vestido de drop "demi saison" azul ferrete bordado com soutache da mesma cor. Gola de renda Cluny e laço de lã de velludo. Fivella e botões de galante.

metter a cabeça num véu, do que ouvir que alguém a aconselhe a mettel-a num sacco.

— Tout passe, tout casse, tout lasse, ma vieille tante chérie!

Vamos dar em seguida a descripção de um lindo modelo de toilette em gabardine.

Toilette de visita e passeio em gabardine vert russe, setim branco, setim verde do mesmo tom da gabardine, sotchete preto e botões brancos e pretos. Saia redonda e muito ampla, excedendo ligeiramente o tornozelo, em «gabardine» verde russo, disposta em pequenas e fundas pregas e montada sob um «empiecement» do mesmo tecido, que excede um pouco a altura dos quadris; é cercado na extremidade por duas ordens de sotchete e franze ligeiramente na cintura, sob um alto cinto corselete, em setim verde do mesmo tom do tecido, completamente bordado a sotchete preto.

Corpinho franzido e blusado, feito em tecido igual á sala, decotado em redondo, guarnecido na parte su-

perior da frente e costas por pequenas presilhas feitas com seis ordens de fino sotchete, encimadas junto dos hombros por pequenos botões pretos e abrindo a toda a altura da frente, em fórma de presilha, sobre um colletinho de setim branco, que fecha com oito botões do mesmo tecido, abre ligeiramente em V na parte superior e termina com uma ampla e alta gola, genero Medici.

Mangas compridas e pouco amplas, ligeiramente franzidas na parte superior, cercadas em volta das cavas por duas ordens de sotchete e terminadas na extremidade em bicos, guarnecidas por tres ordens de sotchete formando V, e alguns botões sobre a costura.

Chapéu de velludo preto com aba levantada ao lado esquerdo e um pouco inclinada para baixo ao lado direito, onde é mais estreita, cercado em volta da copa por uma larga fita de seda «noire» branca, e guarnecido ao lado direito por uma farta «aigrette» preta ou por um pennachinho de plumas.

Mariette.

VIDA FEMININA

Uma nova escola exclusivamente feminina, foi fundada em Paris por iniciativa de Mlle. Thomson e destinase a preparar suas alumnas para a diffiil industria do hotel, que até hoje e em quasi todo o Mundo, tem estado mais a cargo dos homens. O acto da inauguração da nova escola foi sollemnissimo e á elle compareceram M.^{me} Poincaré, senhora do presidente da Republica e a maioria das esposas dos altos funcionarios da Republica e encontramos nos jornaes as seguintes linhas sobre tão auspiciozo tentamen feminino.

A filha d'essa nova escola era excelente. Da industria hoteleira, como de quasi todas as outras, os allemães se tinham apossado. Em França, essa situação foi posta em evidencia pela guerra. Muitos hoteis, cujos proprietarios eram tão allemães quanto os criados, foram sequestrados.

Campania, pois, nisso, como em tudo, preparar o futuro, des-de já.

O projecto de Mlle. Valentine Thomson foi acolhido com enthusiasmo. O «comité» do «Touring Club», depois as representantes mais qualificadas da corporação hoteleira e as mais importantes casas de commercio, lhe trouxeram um concurso espontaneo. Teve a seu favor, ainda, todas as personalidades femininas.

Entre todas as carreiras que se abrem ás mulheres, grande numero das quaes se verão obrigadas amanhã a ganhar a vida, a industria hoteleira é uma das que, desde já, lhes offerecem mais empregos.

O programma elaborado por Mlle. Thomson concede o lugar devido á formação da technica indispensavel, perfeita; é, porém, mais vasto ainda. Tem em mira reconstituir em França para oppô-las os vastos «palaces» e as boas hospedeiras francezas, em que o dono o a dona se mostravam acolhedores, em que o luxo era discreto, a comida saborosa e os vinhos delicados.

O defeito desses velhos hoteis era

uma tendencia em desdenhar um pouco certos progressos d'ora avante indispensaveis; nos, não é difficil conservar-lhes o encanto, e personalidade, a alma, aperfeiçoando certos pormenores de instalação.

Tudo isso foi dito excellentemente pelos oradores, na festa da escola hoteleira. E M.^{me} Stefried teve razão, quando re-sumiu assim a importancia dessa excelente escola, nacional:

«Sabiam as mulheres da França que cada uma dellas tem em mãos uma parcella do renome e da riqueza da França, e que esse sentimento os guia. Sejam as boas hoteleiras, e graças á ellas na França victoriosa, o viajante e o estrangeiro encontrem um pouco do lar em que está bem, do lar em que se é feliz!»

E' uma manifestação do bom feminismo, que garantirá o empreendimento de Mlle. Thomson todo o bello exito que merece.»

No nos-o numero passado uma nova collaboradora veio juntar-se ao brilhante grupo de escriptoras que estão prestigando a nossa Revista com o concurso brilhante de seu espirito e por um accidente de paginação, deixamos de assignalhar tão auspiciozo acontecimento. Referimo-nos á D. Maria Ramos Piedade, escriptora paulista de real merecimento e que não vem fazer as suas primeiras armas em nossa *Revista*, pois o seu nome corre o mundo da publicidãde, assignando trabalhos litterarios de valor. A nossa involuntaria omissoão em nada prejudicou á nossa nova collaboradora: as leitoras que leram as suas impressões sobre o Paraná terão feito justiça e prestado homenagem aos seus meritos de analysta e de prosadora.

Um club feminino em S. Paulo! Lembra-m-se: Foi a primeira idea lançada pela nossa revista, logo que appareceu. Re-

clamavamos para o nosso sexo uma salhi-na de chã e de palestra, onde só fossemos nós, onde conversassemos na intimidade tepida e carinhosa do nosso sexo, sem as importunações e impertinencias do sexo ex-advverso... E argumentavamos... Os homens têm os seus pontos de reunião, os seus clubs os seus bars; porque não temos nós tambem uma sala nossa, uma sala feminina no centro da Cidade onde se possa ir ajustar uma toilette compôr um pentendo, tomar uma chavena de chá com amigas ter um ponto de repouso, quando se vai á compras ou a passeio.

A idea era linda. Recebemos uma porção de cartas enthusiasmas. Excelente idea, es-tupenda iniciativa, não sabemos como alguém ainda não se havia lembrado disso — e outros ardentes commentarios, não nos faltaram por cartas.

Tudo pipocou tropicemas — trac... trac... trac... — achoum! Quando se tratou do lado pratico da questão, de arranjar cinquenta senhoras que entrassem cada uma com a joia de cem mil réis, para instalar o salão, apenas doze ou quatorze das nossas mis-ivistas escreveram-nos que estavam promptas a coadjuvarem. E como, com tão pequeno numero, não era possivel realizar o que ideamos, foi mais uma tentativa falha.

Pelo 'que, continuamos nós, mulheres, da segunda cidade do Brazil, sem um unico club ou ponto de reunião. E' verdade que tambem a primeira cidade, que é o Rio, apenas tem um e dantesse, coisa muito differente da que nós pretendiamos.

No entanto é uma aspiração facilissima de realizar: basta que umas quarenta ou cincoenta senhoras se disponham a amparala. E a nossa *Revista* que se interessa por todos os assumptos femininos, continua prompta a servir de nucleo de crystallisação, para tão interessante iniciativa.

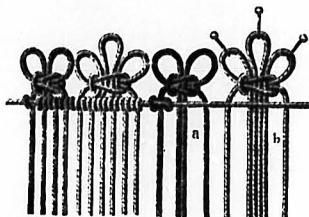
Violante

TRABALHOS DE AGULHA

(CONTINUAÇÃO)

O MACRAMÉ Montagem de festões. (fig. 9) vide n. 21

Os fios destinados aos festões deverão ser cortados mais longos que aquellos que serão collocados ao meio do festão. Os nós são voltados para fóra do festão formando doze nós, com os fios da esquerda por cima do fio da direita letra A, em seguida dispõe-se dous fios dobrados sobre o festão e finalmente se executa ainda os nós com os fios prvnientes dos festões letra B.



(Fig. 10.) Montagem de anneis.

Montagem de anneis. (fig. 10) — Fixae com alfinetes dous pedaços de fio pregado a uma pequena distancia um do outro letra A, e reuni-os por um nó chato.

Fixae muito perto ainda trez outros pedaços de fio letra B e reuni-os por um grande nó de união executado por cima de quatro fios. Chama-se nó de união o nó chato que se faz por cima de mais de dous fios. (Vide fig. 15).

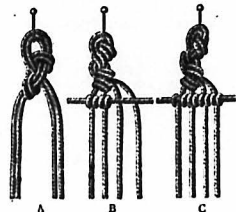
O resto da montagem se opera como de ordinario.

Montagem de festões simples (fig. 11). — Os fios isolados são montados successivamente: em 1.º lugar colloca-se o fio do meio, depois o segundo com o nó a direita e a esquerda e o anel fixado em uma distancia necessaria para formar o festão e por ultimo o terceiro nas mesmas condições.

Montagem de picots e á dupla cadeia. (fig. 12) — Toma um fio duplo e fazei duas baguettes de nós conforme mostra o detalhe A da fig. depois termina e sustenta os picots por uma baguette ou corrente horizontal como indicam os detalhes A. e B.

Nó trançado (fig. 13) — Este nó se encontra a maior parte das vezes nas franjas de procedencia italiana e slava, onde elle substitue as baguettes horizontaes.

Como se vê começa-se a serie de nós pelo segundo fio



(Fig. 12.) Montagem á picots e á dupla cadeia

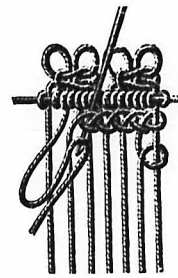
da direita ao meio do qual se forma um anel sobre o primeiro. Faz-se passar o terceiro fio diante do segundo e tornar a sahir por meio de uma agulha de crochet, atraz do primeiro anel que se apertou.

Pequeno nó de união (fig. 14) Chama-se nó de união um nó que reúne muitos fios. Para o pequeno nó de união fig. 14 faz-se ao meio do primeiro fio da direita um nó por cima dos dous fios seguintes.

Nessa occasião forma-se um anel com o fio da direita fazendo-o passar por cima de dous fios depois por baixo estes mesmos fios no anel apertando-os e reportando o nó para traz de maneira a não ser um fio só para a frente.

Grande nó de união (fig. 15) — Como ja dissemos na descripção da fig. 10 da-se essa denominação aos nós chatos que reúnem mais de dous fios.

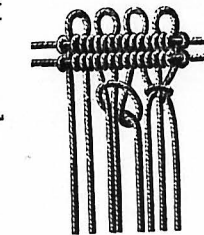
Na gravura vê-se a principio o nó chato por



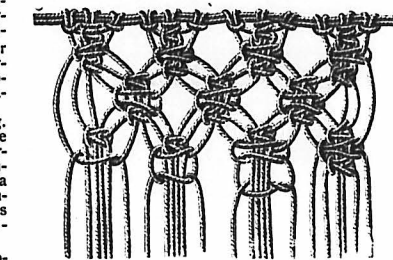
(Fig. 13.) Nó trançado

cima de dous fios, terminado e o primeiro cruzamento dos fios para o nó de união; o detalhe seguinte nos mostra o segundo cruzamento dos fios; o terceiro detalhe indica como se póde á vontade continuar os nós de união por cima dos quatro fios e o quarto detalhe como se póde tambem terminar o grande nó de união por um nó chato.

Nó trançado e nó ondulado (fig. 16) — Os nós trançados são produzidos por uma continuação do primeiro entre cruzamento dos fios do nó chato detalhe letra A, os nós ondulados por uma ligeira torção dos nós da esquerda á direita detalhe letra B. Fixam-se as tranças dos nós ondulados



(Fig. 14.) Pequeno nó de união.

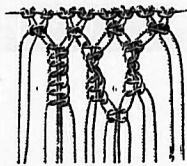


(Fig. 15.) Grande nó de união.

reunindo dois a dois fios dos molhos opostos ao meio de um no chato.

Galão de Macramé.
— Este galão trabalhase pela sua largura. Linha de pontear D. M. C. n.º 30.

Faz-se três baguettes obliquas de nós com quatro fios dos quaes, um é, inclinado da direita a esquerda, a outra da esquerda á direita; depois fazse uma simples baguette horizontal e ajunta-se ainda uma serie de baguet-



(Fig. 16.) Nó trançado e nó ondulado.

tes triplices, mais inclinadas em sentido opposto; termina-se o desenho por uma baguette horizontal, fixa-se um fio porta nós sobre o qual se faz uma segunda ba-



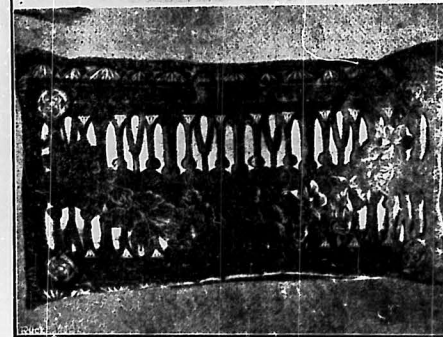
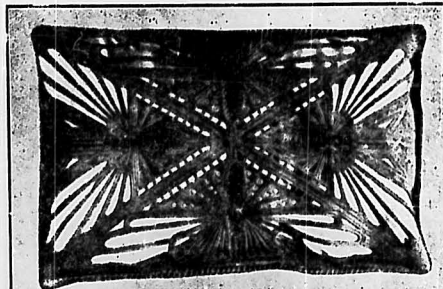
Galão de Macramé.

guette horizontal, mas sobre o avesso do trabalho e termina-se ligando 2 a 2 fios, depois cortando e apertando fortemente o nó sobre o avesso do trabalho.

(Continúa no prox. n.º)

COMO ENFEITAR MINHA CASA

A ARTE DO RELEVO



Trabalhos de relevo. *Filmofadites de couro repoussé, recortado e applicado sobre seda.*

trabalhos. Os trabalhos de couro repoussé são muito interessantes e fatigam menos que os trabalhos sobre metal, porque o couro é mais docil. Ha innumerous metodos para fazer o trabalho de couro repoussé.

No nosso proximo numero exporemos methodo mais simples.

Emma

A ARTE do relevo é um manancial fecundo para as mãos femininas. Inumeras e variadas combinações decorativas ella offerece e quanto mais aperfeiçoada se tornar, maior satisfação dará ao bom gosto feminino. No desenho a unica preocupação é a linha: na arte do relevo, a forma é quem domina.

Nas flores e nas plantas em geral encontram-se inextinguíveis modelos para este genero de trabalhos. A base desses trabalhos é o estudo facil dos contornos. O contorno é tudo na arte do relevo; pureza de linha, simplicidade e estylisação.

Como em toda as outras artes, a imaginação deve entrar em scena, para combinar o natural sem lhe alterar no entanto as formas essenciaes. O relevo faz-se em qualquer materia, mas são preferidos os trabalhos em couro ou em metaes ducteis.

Para o trabalho por ex. de um ramo, deve-se attender principalmente á pureza das linhas e á simplicidade dos aspectos, não nos devendo descuidar porém da distribuição do trabalho, para o que nos podemos utilizar de pequenos detalhes artisticos, que dêm á obra certa vivacidade. Uma folha ligeiramente enrolada, entre folhas espalmadas, dá-nos assim uma vivacidade de contraste, que tira ao trabalho a dureza de uma copia academica.

Na escolha de um desenho para o trabalho em relevo, devemos estudar primeiramente as partes proeminentes, marcar-lhes conveniente-mente as proporções e fixar as menores e maiores depressões, para que fiquem bem accentuados os diferentes planos do trabalho.

Uma consideração impõe-se:—Quanto maior for a distancia em que o trabalho deva ser visto, tanto maior deve ser sua simplicidade. Para um lustre, para um quadro mural, o desenho deve ser gráo e de grande relevo; os pequenos traços, os pequenos detalhes delicados, servirão para uma capa de livro para a cobertura de luvás, para os pequenos objectos de diario manuseio.

Entre os trabalhos que necessitam maior estudo da forma os mais accessiveis ao *bricolage* são os chamados *repoussés*. O couro, os metaes, o papelão, podem servir para esse genero de trabalhos. Os trabalhos de couro repoussé são muito interessantes e fatigam menos que os trabalhos sobre metal, porque o couro é mais docil. Ha innumerous metodos para fazer o trabalho de couro repoussé.

— E' curioso, declarou tranquillamente. Impossivel acreditar-se em tanta coincidência.

— A proposito de que? perguntou Guerin.

— A proposito da historia do filho Ballu. E' extraordinario, como se parece com a tua.

Guerin estremeceu e ficou vermelho, o que foi visivel, apezar da penumbra.

— Como? — balbuciou.

— Mas, a aldeia defendida por um unico homem... a metralhadora, os feridos... tu tambem fizeste isto, Guerin. Lembra-me bem. Os jovens fallaram da cousa. Foi por isto que foste condecorado.

— Puzeram isto no jornal? perguntou Guerin.

— Sim. Não souberam aqui, mas eu ia dizer esta noite, quando os Ballu chegaram. Dize-me agora a verdade.

Guerin alçou os hombros.

— Vou dizer, senhor Fauque: o filho Ballu não teve sorte. Primeiro porque morreu e segundo porque morreu atoa. Afogou-se. Sim, quiz-se banhar depois de comer. Disse-lhe que fazia mal, mas o senhor sabe como elle era caprichoso. Tinha-se tido calor, estava-se tranquillo. Não havia maneira de impedi-lo. Entrou

n'agua, teve uma congestão e afogou-se. Retiraram-n'o logo, mas debalde. Francamente, eu não podia dizer isto aos velhos. Teriam soffrido, não é? Então contei a minha propria historia. Mentí, é verdade, mas uma vez que tirei a cousa de mim, não roubei ninguém...

Fez-se uma pausa. Fauque tossiu. Guerin continuou, placidamente:

— Sômente, eu não morri. Recebi balas, porém, ellas só me feriram. Mudei, pois, o fim da historia, eis tudo... Que quer? Eu não sabia o que dizer aos velhos. Tive sempre a cabeça dura. Lembra-se dos exercicios de narraçao, na escola, sr. Fauque? Nunca soube inventar historias.

Poz-se a rir. Fauque poz a mão sobre seu hombro.

— Mas, então, que terás a contar sobre ti mesmo?

— E' verdade, disse Guerin, nem me lembrava.

Que diabo!

Reflectiu um momento e com um sorriso accrescentou:

— Ora! daqui até o fim da guerra, é impossivel que não me aconteça outra vez qualquer cousa desse genero!

Frederic Boutet.

O POETA

Inédito para a Revista Feminina

Muitos me dizem dante à viz um poeta
De ironia: "Poeta, nunca no nivel
Gargalhas do que aspiras, um exalta
Poesias, de um ideal boaltinguel"

E dizem outros: "Insonos o impossivel,
Cantos tuos bem que não existe... E' tal
O que dizem! — Esquemas impossivel
Sem que ao meos recede um gesto exalto."

Indifferente a treva, inscia, estulto,
Sinto um coração o lellal que exalta
Que não se extingue, mas que sempre avulta.

Pudego attica a minha dor secreta
Maldisia aquella por que soffro tanto
Demitio a aua: que me tornou poeta!

São Paulo.

Allegretti Filho



oooooooooooooooooooooooooooooooooooo

A CASA BRANCA continua a ser o centro da nossa mais alta elegancia. O seu cha excellent, os seus doces, feitos em casa, que fazem babar a alma á flor dos labios, a amabilidade e a distincção dos seus proprietarios, a correção absoluta do serviço e o programma escolhido dos seus concertos diarios — explicam facilmente a enorme symphathia com que o publico acolheu a intelligente tentativa dos seurs, Amora e Hortá.

S. Paulo tem hoje na Casa Branca um dos seus pontos de maior chic, uma das suas horas mais elegantes e o touriste que nos visita, com meia hora de estação naquelle distincto estabelecimento, pode ter a noção exacta do que é a villa da nossa civilisação.

O MENU DE MEU MARIDO

Creme de espargo

Feito um caldo de carne ou galinha bem substancial, deitam-se os espargos e deixam-se ferver por espaço de cinco minutos. Em uma vasilha dissolve-se uma colher de farinha de trigo e gemmas de ovos e um copo de leite, e va-seo deitando no caldo nos pontos e moendo sempre para não faltar os ovos, deixam-se ferver por cinco minutos e serve-se.

Se os espargos forem frescos é preciso em primeiro lugar limpá-los, raspando-os com uma faca sem os ferir, juntam-se em massas com as cabeças todas para um lado, e fazem-se rosalia com uma vasilha em que possam ficar em pé com as cabeças para fora porque estas sendo mais tenras cozinham-se mais depressa e portanto basta só a água que lhe chega para ebulição. Deve-se cozer com sal.

Costeletas assadas

Cortam-se uma porção de costeletas sem as separar; lavam-se em água fria e depois de enxutas refregam-se em um molho temperado de sal, vinagre alho e cebolas picadas. Em seguida coze-se e põe-se sobre a grelha, deitando os ossos, a lume forte. Quando os ossos estiverem carbonizados volta-se a peça do lado da carne e deixam-se assar durante cinco minutos, servindo-se com molho de tomate, azeite, vinagre e pimentas verdes.

Bifes à inglesa

Os melhores, são do assem. Devem ser cortados da grossura de dois dedos. Depois de batidos com cutelo ou faca, polvilham-se de sal fino por ambos os lados e assam-se em uma grelha, tendo o cuidado de os não deixar queimar. Logo que o sangue venha a superfície da carne volta-se e assa-se do outro lado até que apareça sangue. Assim que estiverem cozidos, deitam-se-lhes mantiga de vaca e servem-se com batatas cozidas e uma omeleta de ovos.

Omeleta de nata

Quebra-se o numero de ovos que se quiser batem-se as claras até ficarem brancas, as gemmas batem-se em separado. Quando começa a ferver a mantiga que se tem posto no lume numa frigideira misturam-se rapidamente as gemmas e as claras, mexem-se bem, temperam-se com sal e salsa picada, e deitam-se na frigideira, voltando a omeleta com a folha de duas faces. Sobre a superfície deita-se então uma camada de nata que um momento depois se cobrirá dobrando a omeleta.

Serve-se com batatas e salsa frita.

Mioio

Deixa-se bastante tempo de molho a água fria para sahir o sangue. Fervem-se com sal durante 10 minutos mais ou menos. Tiram-se a pelle, cortam-se em fatias que se comprimm em farinha de trigo e pó de pão torrado, passam-se em ovo mexido, fritam-se e servem-se quentes.

Ostras enroladas

Tiram-se o mioio de 4 pãesinhos e fritam-se bem na gordura. Escaldam-se 12 ostras em seu proprio molho. Mistram-se uma colher de manteiga, uma colher de farinha de trigo, e o mioio, mexe-se até ferver. Temperam-se com sal, pimenta, succo de limão, e melia chicara de creme, uma colher de mioio de pão e as ostras. Divide-se dentro dos pãesinhos e põe-se para aquecer.

Foil gras à brasileira

Toma-se um figado cozido ou aferventado com água e sal, pôde ser figado de ganso ou de galinha, amassa-se bem com garfo, juntam-se a colher de mostarda, 1 de manteiga solgada e 2 gemmas de ovos cozidos, amassa-se muito bem, um pouco de nozes secadas, sal.

Para pôde fazer-se as sandiches e embrollam-se em guardanapo humido.

Pombos grelhados

Depois de limpos e chumuscados os pombos, abrem-se salgam-se com um pouco de azeite algum toucinho picado em tiras, cebolas, salsa, pimenta e louro. Deixam-se descansar neste molho durante 2 horas, no fim



Ostras enroladas

deste tempo deitam-se na grelha, as tiras do toucinho e encima d'ellas os pombos cobrindo com outras tiras do toucinho a peçom em cima de brasa, tendo o cuidado de deitar por cima o molho de pombos em pouca proporção que vão assando, estando quasi prontos polvilham-se com farinha de rosca, deixam-se alourar e servem-se.

Gelée de laranjas e limões — 6 laranjas e 3 limões

Desacam-se as frutas; as cascas deitam-se fora, deixando a parte branca da casca. Retiram-se a parte branca. Põe-se esta em um sacco de panno de malha miuda. Cortam-se em pedacinhos as polpas restantes das frutas. Deitam-se-lhes 3 vezes o seu volume de água. Ferve-se bem durante 45 minutos com o sacco da parte branca da casca mergulhada no liquido. Esta produz a pectina. Retiram-se a espuma frequentemente. Tiram-se o sacco e deitam-se fora o seu conteúdo. Enche-se 6 copos de liquido claro e deixam-se a polpa, (que deve ter sufficiente quantidade de liquido) e o succo claro repousar por 24 horas. Decantam-se cuidadosamente o succo claro de cada copo deitando em uma panella. Ferve-se durante 10 minutos. Deitam-se-lhe igual quantidade de açúcar e ferve-se durante cinco minutos mais ou menos até chegar ao ponto de espaldana. Retiram-se do fogo e deixam-se estrimar para formar a gelée.

As pessoas que não fazem objecção ao sabor da casca amarela da fruta poderá deitá-la. O sedimento do succo repousado tambem formerá gelée mas esta será opaca. Seguindo-se as receitas indicadas obtém-se uma gelée clara de cor de ambar. A laranja fornece a pectina e o limão o acido necessario.

Marmelada de Laranjas

Muitas donas de casas commettam um erro deixando demasiada quantidade de polpa e casca de laranja em sua marmelada, dando a esta a apparencia de conserva de fruta em vez de marmelada. A marmelada deve ser uma gelée clara tendo apenas alguns pedacinhos muito finos de casca suspensa na mesma. A seguinte receita dá excellentes resultados.

6 laranjas — 3 limões

Desacam-se duas laranjas e cortam-se as cascas nos bocados muito finos com uma faca de lamina muito afiada. Em uma pequena quantidade d'agua fervem-se os bocados de cascas até ficarem mollos. Cortam-se as laranjas descascadas e as quatro restantes e tres limões, juntamente com as cascas, em pequenos pedacos e deitam-se em uma panella com bastante agua para cobri-las. (Não misturam-se com as cascas fervidas das duas primeiras laranjas). Ferve-se durante 46 minutos deitando agua de tempos em tempos para substituir a que se evapora. Com-se ou exprimem-se o succo quente e deixam-se repousar durante 24 horas. Decantam-se o succo repousado; juntam-se as cascas fervidas das duas primeiras laranjas e um quarto de kilo de açúcar para cada quarto de litro de succo. Ferve-se até chegar ao ponto de espaldana, geralmente é sufficiente 3 minutos ou um pouco mais. Retiram-se a casca e deitam-se em bolões. Esta marmelada contém as cascas de duas laranjas e a pectina de seis laranjas e tres limões de modo que se consegue um producto cor de ambar claro.

VARIAS RECEITAS UTEIS

Licor de anizetto

1 kilo de açúcar de beterraba, 700 grammas d'agua, 500 grammas de alcool a 40 graus, 25 gotas de aniz ou anizetto. Deitam-se o açúcar n'agua fria durante 24 horas, mexem-se de vez em quando, para dissolver bem, juntam-se a essencia de alcool e este a calda, bate-se muito bem e filtra-se. A melhor essencia para esse licor é a de John Wain. Louvam-se a deixar forte augmenta-se um pouco d'agua o açúcar.

Vinagre de folhas de parreira

1 kilo de folhas verdes de parreira. 1 kilo de açúcar alvo ou redondo, 8 garrafas d'agua, tudo isso deve ficar no infusor por espaço de 48 dias em um pote de barro esmaltado; com um prato ou pedra fazendo peso nas folhas para essas não virem à tona. Fimdo os 48 dias engarram-se não tapando muito bem as garrafas, collocam-se sempre em pé. Querendo filtra-se.

Para limpar moveis

Prepara-se uma mistura de azeite, essencia de terobantina ou espirito de vinho em partes eguaes. Estraga-se o movel com uma lanella, o qual ficará novo, desaparecendo todo o pó e mesmo as manchas.

Para limpar o verniz das portas

Põe-se num copo de agua fria uma colher de carbonato de sodio ou de cal. Estraga-se as manchas com uma esponja molhada nesse preparado e enxuga-se com um panno bem limpo para não marcar a porta.

Manchas nos objectos de osso

Põe-se 24 horas o objecto manchado dentro de benzol, tiram-se deixam-se secar por 5 dias. Deve-se evitar o fogo perto, visto o benzol ser inflammavel.

Para tirar manchas de gordura do soalho

Prepara-se uma mistura com 3/4 de argilla bem moída e 1/4 de carbonato de sodio. Faz-se com isso um barro e põe-se sobre a mancha. No fim de 6 a 8 horas ella desaparece.

Tambem se faz um barro com qualquer terra e põe-se um ferro de engommar bem quente em cima do barro até secar completamente. Tiram-se o barro e lava-se o soalho.

O QUE UMA BOA DONA DE CASA DEVE SABER

OS ALMOÇOS

(Continuação)

EM seguida as ostras serve-se: um creme de espargos, depois um *filet dorée* que já existiamos em um numero da «Revista». Este prato costumam-se servir sozinho, mas como ha muitas pessoas que gostam de misturar o arroz com as outras comidas é bom ter sobre a mesa uma travessa com arroz a Valenciana; completam o almoço duas costeletas de carneiro, ou frango de molho pardo e bifes a inglesa com batatas fritas e ovos estrelados ou omelete.

Como se deve comer os ovos quentes e estrelados.

Os ovos quentes devem-se partir com uma colher pequena, quer pelo bico mais delgado quer pelo mais grosso. Aberto o ovo, servem-nos, para o comer, da colher pequena que devemos mergulhar delicadamente no liquido; comem-se no mesmo tempo pedacinhos de pão que se barram de manteiga com o auxilio da faca. Deve-se por de parte o uso das meias fatias para molhar, pois o emprego dellas nada tem de distinctivo.

É desnecessario pegar na casca para raspar o resto do seu conteúdo com a colher.

Terminada esta operação, depõe-se a casca no prato, no lado do porta-ovos sendo tambem uso quebral-a delicadamente com a colher.

Os ovos estrelados comem-se com garfo podendo os pedacos menos pesados ser comidos com o auxilio de pedacinhos de pão collocados no prato, os que se levam a bocca com auxilio do garfo.

Terminado o almoço servem-se os fructos.

Como se devem comer os fructos.

A maneira inglesa é a preferivel quanto a disposição dos fructos. Com effeito, é esse methodo que conseguiu prevalecer nos outros, chegando até nós, e sendo o que está mais em uso. Na verdade, já hoje não é costume construir essas artisticas pyramides de fructos, tão sabiamente dispostas, que eram verdadeiras manifestações de arte, de que se orgulhavam os nossos avós.

Hoje todo o empenho consiste em imitarmos a natureza em sua simplicidade, servindo os fructos com apparente negligencia sem apparato quasi desordenadamente como se não fosse preciso dispor-os para os deixar no estado em que se apresentam.

O que é preciso sobre tudo, é que se veja que os fructos são colhidos de fresco, e que a sua pelle ou casca, avermelhada ou lustrosa, não se apresente emurchada ou enodada por qualquer contacto.

Do mesmo modo os fructos que se

comem sem descascar devem ser lançados no fructeiro espalhadamente sem disposição de arte; os morangos, as groselhas, os medrônhos, as ameixas devem ser collocadas sem architectura alguma; somente as cerejas podem ser reunidas, formando raminhos; para este fim atam-se-lhe pelos pés, ajuntando-lhes algumas folhas.

Todos os fructos que se comem sem descascar devem ser cuidadosamente lavados antes de servir, para limpá-los da poeira e microbios nocivos a saúde e dar-lhes o brilho natural; para os lavar devemos collocar-os com todo o cuidado em um passador que mergulharemos muitas vezes n'agua sem ali o demorar.

Em seguida deitam-se os fructos em um panno secco afim de os enxugar tendo o cuidado de não os machucar, depois deitam-se no fructeiro, sobre uma camada de folhas verdes.

Em vez de trez fructeiros para toda a mesa, pôde adoptar-se o processo moderno que consiste em cestilhas de vinagre de porcelana, de longo ou de metal inoxidavel; devem collocar-se essas cestilhas em numero superior dos convivas, collocando-as todas em uma bandeja grande; tratando-se de um almoço pôde-se mesmo por uma cestilha no lado de cada conviva, á esquerda d'este e adiante do prato.

Os fructos mais graúdos, que devemos descascar como as peras, as maçãs, os peçogegos, prestam-se tambem á seguinte disposição: põe-se em em cada cestilha, sobre um leito de folhas verdes; porem o que mais se usa é pol-os em fructeiros.

Neste ultimo caso, arranja-se no fructeiro um fundo de folhas ou de rendu, depois collocam-se um a um fructos, rolando-se cada um d'elles com uma folha ou com uma parcella da renda. Nos intervallos espantam-se flores de cores vivas: rosas geranios, cravos etc.

Esta mistura de fructos e flores é sempre muito alegre e delectosa á vista; é costume tambem fazer-se misturas de fructos, mas só com fructos graúdos.

Quando na mistura entrarem as uvas empregam-se de preferencia os fructeiros de aza; os enchos suspensos n'esta como em uma cêpa, são de um effeito muito engraçado.

Qualquer que seja a disposição adoptada para servir os fructos, devemos esforçar-nos por collocar-os de modo que o conviva, ao pegar n'um d'elles não se arisque a fazer cair os outros.

Nada seria menos hospitaleiro que uma tal maneira, porque se o conviva, a despeito do equilibrio se esforçasse por tirar um dos fructos que servissem de base á disposição, dar-se-ia uma desastrosa queda que poderia até quebrar a banxella! O serviço de sobre-mesa faz-se sobre tudo em crystal factado; a disposição das luzes, e os fructos vistos atravez da limpidez dos crystaes, dá uma nota perfectamente alegre primaveril; porem as taças

de prata e de vermeil são sempre muito apreciadas, e os pratos de porcellana ainda não passaram de moda.

Se o caso da disposição dos fructos deixa por vezes embaraçada a dona de casa, o modo por que elles devem ser comidos, deixa não menos vezes embaraçados e indecisos os convivas.

Quando commetermos qualquer indiscreção á mesa o mais ajudado é não a sublinhamos com qualquer palavra de desculpa em voz baixa, com a vermeilhão do rosto ou qualquer outra perturbação manifesta; porque afinal uma falta dessas não é uma acção imperdoavel e mais vale que sejamos taxados de ignorantes das praxes ou etiquetas do que de irreflectão, ou pouco cuidado de estar á mesa.

Porem como taes regras são facéis de observar e fundadas n'uma delicadeza de maneiras que é bom adquirir, devemos-nos devotar a ellas aprendendo-as, e pondo-as em pratica sempre que isso nos seja necessario. Vejamos quaes são as principaes regras:

As groselhas, morangos, etc. servem-se com açúcar em pó, comendo com colher pequena ou com o garfo, neste ultimo caso sem os espetar, como quem comeesse ervilhas. Tratando-se de groselhas em cacos devemos pegar nestes pela haste, rolando-os pelo açúcar em pó e levando-os em seguida a bocca tendo o cuidado de segurar sempre a haste pela extremidade, para retirarmos esta quando houvermos esbagoado totalmente o cacho com os dentes.

As cerejas comem-se uma a uma segurando-a pelo pé e deixando cair desprezadamente o caroço na mão semi fechada. Do mesmo modo se comem as ameixas a não ser que sejam muito grandes; porem nesse caso, partem-se ao meio com a faca e o garfo e comem-se com este.

As tamaras comem-se uma a uma, com a colher, sendo grandes cortam-se tambem ao meio com a faca e o garfo e comem-se com este ultimo; o caroço deve-se deixar cair na mão semi-fechada, tal qual se observa com as cerejas.

O ACEIO DO LAR

Uma das grandes difficuldades que têm as donas de casa com os creados é conseguir que elles não deixem oxidar-se os metais, o que além de desagradante dá uma idea pouco favoravel do cuidado com que uma casa deve ser mantida. Com a «Lustrina» esta difficuldade desaparece pois basta friccionar ligeiramente com ella os metais, para que elles pareçam novos. Como no interior é difficil encontrar este producto podemos enviar-o ás nossas leitoras. O preço da praça é de 1\$200 a lata. (Mais \$300 para porte.

Castellões - Olga - Gioconda e Luiz XV são os melhores cigarros

DE TODO O BRASIL...

(CHAMAMOS A ATENÇÃO DOS NOSSOS ANUNCIANTES PARA A DIFFUSÃO DA NOSSA REVISTA)

Em cada vez mais entusiasmado o movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brasil a favor de nossa Revista, e diariamente nos chegam os mais doces e caros e caridos de nossas mais distintas patriotas, muitos das quais estão trabalhando decididamente para a criação de nossa Revista cujo futuro brilhante será o primeiro triumpho dos senhores brasileiros.

D. Maria Amelia von Steingen, de Itoitas, que muito se tem esforçado propagando a nossa revista, escreve-nos: Eu recebi a revista, porém perca em viagem e como ainda não a tinha lido e como quero colleccioná-la, faço grande empenho em obter outro exemplar.

D. Maria Nazareth Midaglia, de Piracicaba, escreve-nos fazendo varias consultas e pedidos e disse: sinto ter conhecido um pouco tarde a Revista Feminina.

D. Maria de Lima, de Limecoira, Estado do Ceará, enviou-nos varias assignaturas e assim conclue sua carta: Tenho solicitado com grande empenho assignaturas para os meus amigos, e com o intuito de conseguir essas poucas que remetto (7), mas tenho muitas promessas. Quero corresponder embora fracamente ao apelo que dirigis ás senhoras brasileiras, e provar-lhe o interesse que tenho manifestado pelo victorioso successo da vossa sublime empresa.

D. Ernestina de Camargo Machado, de Taubaté, com o pedido de sua assignatura, escreve-nos: Lendo a bella e interessante Revista Feminina, envio-vos mil felicitações e um nobre commettimento, o que vem ser uma gloria das senhoras paulistas. Agora o meu maior desejo é trabalhar para enviar assignaturas.

M. Sra. Maria Luiza, de Ijuhy, E. do Rio Grande do Sul, é outra moça que está trabalhando com verdadeiro carinho pela nossa Revista enviando-nos constantemente novas assignaturas, e de sua ultima carta destacamos as seguintes phrases que muito nos honram: Pretendo trabalhar mais agora; essa Revista me orgulha; enviou a Cruz Alta alguns numeros e deixei uma pessoa encarregada de me auxiliar.

O sr. Augusto de Silva Cezar, de Araraquara, enviou-nos uma lista de 7 assignaturas e assim termina sua carta: Pela prosperidade da Revista, no anno novo, envio meus sinceros votos.

De Jezuhy, Estado da Bahia, d. Neomias dos Santos enviou-nos duas assignaturas.

De Bello Jardim, Estado do Rio, a sra. Severina Ferreira mandou-nos varias assignaturas e conclue assim sua carta: ... continuo trabalhando para obter mais assignaturas.

De Campo Maior, Estado de Piahy, a sra. Bioliana Oliveira nos escreve: Já agora tive a felicidade de conhecer a Revista Feminina, por um exemplar que me foi obsequiosamente cedido por uma amiga, apreciadora immensamente, peço-vos uma assignatura e podeis ficar certos que aqui será a maior propaganda.

De Jardimopoli, a sra. Zulmira P. Guimarães, com o pedido de reforma de sua assignatura assim nos escreve: Apresentando-lhe as minhas desculpas e desejando as maiores prosperidades á nossa muito interessante Revista ... e conclue: tenho mostrado ás minhas amigas o desejo de contribuir geralmente apreciada e espero poder enviar-lhe breve algumas assignaturas.

De Cosmopolis, o sr. Adão Martelli enviou-nos algumas assignaturas e de sua carta destacamos este topico: Não tenho medo de fazer propaganda de sua esplenida Revista, mas como o lugar aqui é

um pouco pequeno, é muito custoso arranjá-las muitas assignaturas, mas espero assim mesmo brevemente enviar mais algumas.

Enviamos-nos assignaturas mais as seguintes pessoas: Alice Cordeiro, do Baurá—Orcelia Ingles de Souza, de Jaldé—Dr. Norberto da Fonseca, de Itapira—Adolphina Jacob, de Soriba, Ramal de Caldas—Maria da Gloria Quartim, Guanduhy—José Maria Siqueira, de Sales Oliveira—Benedicto de Freitas, de Novo Horizonte—Arnaldo Barboza, Arraial dos Souzas—Beatriz de Lacerda Santos, Parahybuna—Marta Andrade, de Serfazezinho—Maria da Gloria Leivas de Barros, Estado de Piahy—Chiquita Cobra, S. João da Boa Vista—Ignacia Culmaries, Bello Horizonte—Olivia Baptista Leite, de S. João da Boa Vista—Henriete Morato, de Santos—M. Alves Mosinho, de Coriúquita, Bahia.

Da Capital: Romulo Romano, Edith Montello, Rosa da Oliveira, Lavínia Franco de Mello, Mme. Piedade, Leonor de Freitas e Silva, Joaquim Pereira de Camargo, Alice Martins de Almeida, Waldomiro de Camargo, Caraculima, Amalia Cláudio, Julia de Eça, Hilda de Araújo, Adelaide Ferreira, Leonor Ferroni, Mme. Malhada Filho, Guineu, Leonor Ribeiro, Emilia Engonça de Lima, Elisa Siqueira Reis, Alba da Costa Machado, Leonor de Camargo, Zilda Alves Ferreira, Emílio Alves Ferreira, Ercilindes Barroso, Amélia Cláudio, Manoel de Sá, dr. Xavier Paes de Barros, d. Maria Vicência Queiroz, Lavínia Franco de Mello, Henrique Andrade, Maria de Paula Souza, Helena Silveira, dr. Cassio Prado, dr. Joaquim Vilas, dr. Estevão de Azevedo, dr. Desiderio Stapler, Antonia Ribeiro Galvão, Manoel Rocha, Alcinda de Campos, Zoraida Siqueira, Eva Gordon, Matilde Pires de Campos, Alina Gonçalves, Olivia de Moura Malafain, Alcinda Correa Galvão, Maria do Carmo Rodrigues, Moyses Magalhães, Zaira Duarte de Azevedo, Eugénia Carvalho, Hypollita Medeiros Moraes, Julietta Cavaliere, Anna Rodrigues Carvalho, Bellinha Moraes, Marietta Lessa, Conceição Pereira, Augusta Andrade, Francisca de Paula Silva, Manuel Bahia, Maria Julia Ribeiro, Luisa de Andrade, Maria Pinto de Souza, Francisco Carneiro Ribeiro da Luz, Campinho, Minas—Emilia Pinheiro Lima, Francez—Evangélica C. Linhares, Rio de Janeiro—dr. A. Cezar Pinheiro Franco, Juiz de Direito, Pombal—Mlle. Amelie Curvalho Macedo, Capital—Paula Ferreira, Campinas—Amelia Sophia de Menezes Penko, Capital—Floris Barthes Pereira, Uberaba, Minas—Laura Prata Barboza, Uberaba—Olivia de Moura Malafain, Capital—Luiza Taveira, Cataguazes, Minas—Manoelita P. Rabello, Oliveira, Minas—Arlinda de Oliveira, Capital—Dr. Arnello Leite Filho, Pocos de Caldas, Minas—Dr. Rodolpho Lima e Silva, Itaporanga—Sivita Noemi Ribeiro da Luz, Uberaba, Minas—Virgínia N. C. Vieira, Rio Leopoldina do Prado Barretto, Moçoca—Suzetonia de Bittencourt e Silva, Pirassununga—Beatriz de Lacerda Santos, Parahybuna—Marincha P. de Castro Silva, Botuverá—Marianna Campos de Almeida, Capital—Antonio O. Santos Carlos Filho, Mogy das Cruzes—Antônio Leite, Taubaté—Emma de Azevedo, Botucatu—Ricota Chaves, Bello Horizonte—Leolino Teixeira, Pouso Alto, Minas—Conrado de Oliveira, Santa Rita de Caldas—Emilia Gomes Passos, Crescimina, S. Paulo—Elvira Lisboa, Cameta, Pará—Padre Macario Montenegro, Cravinhos—Helena Marques de Oliveira, Jacutinga—Dr. Amphiphilho de Mello Albuquerque, Campinas—Andreolina M. de Carvalho, Tremembé—João Pires de Aguiar, Campinas—Gervasio Prado, Cravinhos—Honora Valente, Curitiba, Paraná—Rosa Monteiro Galembach, Ityrapias—Evangélica Vieira, Pocos de Caldas—Cristina P. de Castro, Santos—Maria do Carmo Novaes, Santos—Philomena de Castro Ferreira, Vallinhos—Vilma Alvarez Alonso, S. João do Rio Preto—Anna Visneria Yaz, Penapolis—Bueno da Costa Macedo, Carmo do Rio Claro, Minas—Alto, Cunha, Prata, Minas—Olivia de Campos Pinto, Serra Negra—Carina Pacheco de Lima, Elias Fausto, Palmira Dias de Macedo, Angatuba—Virgínia Demaco, Bifalva—F. Deodato, Casa Branca—Carolina Leite Ca-

narga, Piracicaba—Julia Orreia do Araújo, Bofelma—Maria José Cruz, S. Luiz do Maranhão—M. A. Ribeiro de Alencastro, Capital—Mathews Nogueira de Azevedo, Varginha, Minas—Affonso do Nascimento, Capelinha, Minas—Tavares da Silveira, Parahybuna, Minas—Mimi Silva, Itapetininga—Otilhina Pessoa, Tacima, Parahybuna do Norte—Georgina Forraz, Guaxupé—José Augusto Barboza, Itacaba—Dla Diniz, São Manoel do Palmar—Francisco Almeida Souza, Piracicaba—Mme. E. Malheiro (Santa Cruz), Rio—Mário Marques, Capital—Ardéria Dorla, Uruguaiana, Rio G. do Sul—Maria Francisca Tomem, S. José dos Campos—Amélia Azeiteiro Atarderson, Campinas—Sylvia Abrahães Moreira, Lorena—André Andrade Ribeiro de Almeida, Julia de Sá, S. Salvador, Bahia—Belhis Bastos, Lorena, S. Paulo—Instituto Ludovic, Rio de Janeiro—Isabel Brito, Mar (Española), Minas—Etel Pereira, Santos—Larissa Casado, Piu d'Alto, Pernambuco—José Claudio de Oliveira, Itapetininga—Virgilio Wey, Santa Isabel—Mlle. Olga Modeloro, Santos—Justiniano de Cezar, Capital—Lavínia Franco de Mello, Capital—Francisco Isabel Carneiro da Cunha, Santos—Bertha Gerardi, Jahuí—Nair Pereira Lima, Monte São, Minas—João de Góes, São João de Itá—André Ferreira, Capital—J. Lauriano, Itapetininga, Assunta G. Orneli, Capital—Maria de Lourdes Moraes, Capital—Julietta de Oliveira, S. Roque—Sarah de Carvalho, Araraquara—Manoel Bahia, Capital—Maria de Cavallho Gallo, Cunha—Zita Barboza de S. Mathias, Capital—Antonio Fortes, Rio—Gonçalo Gouveia, Villa Brax, Minas—M. Rosa Alves, Guapira—Adeilde Araújo, Cananéia, S. Paulo—Julietta Marques, Uberaba, Minas—José Morato Carvalho, Piracicaba—America M. Silva, Miralhy, Minas—Virgínia Bresciani Roveri, Luzerna—Margareta Planck, Capital—Annisa de Lourdes Oliveira, Araraquara—Odillina Guerra, Monte Azul—Amalia Ribeiro Fauto, Tremembé—Nair Moreira Nascimento, Miracema, Rio—José Sallós, Ribeirão Preto—Luella de Mattos Barreto, Dobrada—Lina Rosa M. Moreira, Lorena—Maria Luiza Mari-nho, Monte Alta—Armando Barros, Embreza, Acre—M. Torres, Itealhy—Niethuroy, Maria Augusta de Carvalho, Tavassá—Antonio João de Andrade, Itabira do Mato Dentro, Minas—Cornelio F. Vieira, Ubatuba, Ollinda de Pinho Victorio, Corumbá, Mato Grosso—Santússia Gazzaro, Redempção, S. Paulo—Silamara P. Guedes, Guedes, Mogiana—Anesia da Costa Pinto, Amparo—Baldina Bastos, Cachoeira—Maria Paulina Oliveira, Santa Cruz dos Bosses—Augusto Arruda Sampaio, Bocaina—Bolímeia Ayres Furgim de Campos, Itapetininga—Alice Moraes, Pussos, Minas—Clara Lopes de Sousa, Baurá—José Domingues de Azevedo, S. Luiz, S. Paulo—Emílio Alves Ferreira, Maria M. Silveira, Ribeirão Preto—M. de Bastos Cordeiro, Laranjeiras—Hermenegildo J. Rolz, Conquistista, Bahia—Dolphina dos Santos, Rio—Maria da Conceição Arantes, Baurá—Th. Berenguez, Bahia—Francisca da Silveira Leme, Itabira—Dr. A. Tupinambá, Jaldé.

—A extra. sra. Quimora Cerquinho Nazes, de Limeiro do Norte, Estado de Pernambuco, é uma outra senhora que está trabalhando com verdadeiro desleixo para o triumpho de nossa Revista e de sua ultima carta enviando-nos assignaturas destacamos os seguintes topicos: Quizerá ser possuidora de uma intelligencia menos obscura para por elleo destas tenezas linhas exprimir com obsequio o quanto me orgulha o estuando progresso da nossa Revista e mais, já que não tenho a suprema ventura de possuir... contento em enviar as minhas humildes felicitações pelo exito que obteve nesta cidade a sua sublime inspiração! Tenho para mim como um dever sagrado co-laborar á iniciativa... para tanto envio-lhe a importancia de que necessitamos que são das exmas. senhoras: professoras Niemka Cerquinho Gomes de Oliveira, Otilia da Silva, Maria de Jesus, Maria Lima Soares, Julietta Correa de Paula, Palmira Gomes de Andrade, Maria da Penha de Araujo, Maria de Castro, Maria de Moraes Costa, Isabel de Oliveira Lacerda, Silvana Carneiro da Silva, Julia da Motta Lu-

Manufactura de Roupas para Senhoras e Creanças Jorge Bassila, Rua Florencio de Abreu, 62 Caixa Postal, 706 Telephone, 3284 São Paulo

CASA BARUEL Rua Direita, 1 - Largo da Sé, 2 SÃO PAULO As senhoras, e senhoritas que desejem manter sua cutis em perpetuo estado de juventude, não devem esquecer que em nossa Secção especial de Perfumarias, ha os mais finos e modernos Cremes, Cold-Cremes, Leites, Ceras, Loções diversas e de toda especie de productos para Maquiagem. Outrosim, Vernizes e liquidos diversos para o tratamento completo de "Manecur", BARUEL & CIA.

Comp. Mechanica Importadora de São Paulo IMPORTADORES de Materiaes para toda classe de Construções e para estradas de ferro, Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphalto, Tubos para abastecimento d'agua, Material electrico, Navios de guerra, Rebocadores, Lanchas e automoveis FIAT, etc. FABRICANTES DE MACHINAS de Café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, Parafusos e rebites. Fundação de Ferro e bronze etc. GRANDE SERRARIA A VAPOR Constructores e Empreiteiros - AGENTES DE: Robey & Co. - Automoveis "Fiat" - Fabrica de Ferro Esmaltado "Silex" - Comp. Paulista de Louças Esmaltada - Societá Italiana Transacera "SIT" (Aeroplanos e dydroplanos Bleriotist) etc., etc. Depósito, Fabricas e Garage: Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasilense (Braz) Estabolecimento CERAMICO AGUA BRANCA Telephone, 1015 Catilgo em uso: A. B. C. 5a. edição. A. L. A. Z. Western Union, Lieber's e Ribeiro. RIO DE JANEIRO, Av. Rio Branco, 25-Caixa, 1534 SANTOS, Rua Santo Antonio, 108, 110-Caixa, 129 LONDRES, Broad Street House - New Broad Street LONDON E. C. S. PAULO, Rua 15 de Novembro, 36 - Telephone, 244 CAIXA DO CORREIO, 51-End. Telegraphico: Mechanica

Atelier de Photogravura GUILBERME WESSEL Rua do Guayanazes No. 155 TELEPHONE, 4310 SÃO PAULO Executa-se com maior esmero e maxima promptidão qualquer trabalho em zinco-graphia, photogravura ou trichromia para obras scientificas, catalogos e revistas illustradas. Trabalho garantido, feito pelos processos mais modernos.



CASAS VARIAS Todas as casas, de S. Paulo, antes de receber novos occupantes devem ser desinfectadas. Si vos mudardes para uma casa que não tenha recebido o beneficio da desinfecção, vos arriscas a contrahir moléstias contagiosas, pois ignorais quasi sempre a saude dos que viveram nella antes de vós. O Serviço Sanitario de São Paulo vos informará sempre, com segurança, si a casa que pretendes foi desinfectada.

Accessorios para AUTOMOVEIS PNEUMATICOS "MICHELIN" Gazolina e Olcos. Carga de Accumuladores. Rua Barão de Itapetininga, 18 TELEPHONE, 694

ANEMIA - NEURASTHENIA - FRAQUEZA - CHLOROSE - DEBILIDADE E TUBERCULOSE MEDICAÇÃO SEM RIVAL CAPSULAS DE O. DE CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

GUERRA AS MOSCAS A mosca é o mais perigoso dos insectos transmite alem de outras moléstias, a tuberculose, a febre typhoide, e gastro enterito das creanças. Devemos impedir a entrada das moscas nas nossas casas, resguardando dellas os alimentos e as vasilhas que os contém. As moscas criam-se nos monturos, nas estrumelas e dal válem para as casas. Si suprimirmos os monturos, se fizcemos reinar o maior asseio em todas as dependencias das nossas casas, em todos os terrenos, as moscas desaparecerão, não encontrando onde possam deltar os ovos e crear as larvas.



Água de Colonia GRANADO

O perfume favorito das damas.
A melhor para o banho e o toucador.

AUTO-GERAL



CASSIO PRADO
Accessorios para Automoveis
Pneumaticos,
Gazolina,
Lubrificantes
Telephone, 3706 — Caixa, 284
Rua Barão de Itapetininga 17
SÃO PAULO

CASA DA EPOCA

Casemiras inglezas
Cheviots escossezes
Tecidos para vestidos tailleur
Pannos de bilhar
Impermeaveis "Macintosh"
e "Pirelli"

Recebemos todos os mezes as
ultimas novidades

BRAGA & PINTO
RUA DIREITA, 3-S. Paulo

ADALIUS

O mais elegante livro sobre cozi-
nha até hoje publicado.
Contem grande copia de receitas de
cozinha, doces, licores etc. todas ex-
perimentadas e muito praticas.
Elegante livrinho util a toda a dona
de casa e de grande proveito para as
moças.

Preço 1000 Réis

Remettam essa importancia em sel-
los do correio com o seu endereço,
a Empresa Feminina Brasileira Ala-
meda Glete, 87, São Paulo — e im-
mediatamente será expedido o Ada-
lius.

GUERRA ÁS MOSCAS

Os mosquitos, alem de incommodos, são pe-
rigosos. Transmittem varias molestias, entre ellas
a febre amarella, o impaludismo e a lepra.
Os mosquitos se criam nas aguas paradas,
onde as femeas depois de picar os animaes o o
homem, depositam os ovos.
Devemos queerrar os mosquitos, não só ma-
tando-os, como fumaca do pó de pyrethro, como
tambem suprimindo todas as aguas paradas onde
elles poem ovos. As aguas que não puderem ser
removidas como as de raios, exgotos, etc. deverão
ser petralisadas, com 10 grammas de kerozene
por metro quadrado, todas as semanas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de
senhoras: para bordar, para crochet, tricot,
fillet, macramé, lace, frivolité, inhandty (Te-
neriffe). Artigos para confecção de fibras ar-
tificiaes. Machinas para bordar e fitados so
aviamentos para trabalhar com as mesmas.
Bastidores redondos, de quadro, de collo, com
pés, de todos os tamanhos, lãs e linhas de
todas as qualidades e grossuras, torças de
seda e de algodão e mercerisadas, sedas para
bordar, lavavel e de Alger, talagarças de todas
as qualidades, etamines, setins, pellicias, vol-
ludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de cores. Papéis
crespos, dourados, prateados, pergaminhos
cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se
sempre promptos e fazem-se de encomenda
bem como lettras e monogrammas. Aviam-se
encomendas para o interior.

Genin & Filho

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A — S. PAULO
Telephone 1009
Caixa Postal 204

AO GRANDE ORIENTE Casa Fundada em 1889

J. C. COSTA

MANUFACTURA DE MOVEIS FINOS

Importação Directa de Moveis Austriacos, Louças

Capachos, Tapetes, Colchões e tudo mais deste ramo

RUA FLORIANO PEIXOTO No. 3 TELEPHONE No. 1382

Largo do Palacio-Esquina Largo da Sé

Fabrica a Tracção Electrica: RUA BELLA CINTRA No. 16

RECEITAS PARA A PELLE

O crème Dermina, formula do Prof.
Ficher é o grande successo do dia.
Além de ser um excellente crème de
toilette é um remedio poderoso con-
tra as espinhas, os dattros, o eczema,
os cravos, manchas vermelhas do na-
riz, irritações da pelle, picadas de
insectos, etc.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



CASA EDISON

Rua 15 de Novembro, 55

SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 398

Todos os pedidos de objectos annunciados nesta pagina devem vir acompanhados das respectivas importancias em cartas com valor declarado e sob registro e dirigida a GUSTAVO FIGNER — Rua 15 de Novembro, 55 — S. Paulo

O PIÃO MÁGICO



Do effeito kaleidosco-
pico. Maravilhosa inven-
ção norte-americana. Pos-
sivelmente o mais mar-
vilhoso pião do mundo.
Produz com seus seis dis-
cos coloridos e os 4 inter-
ruptores muitas contenas
de transformações e entre-
lhas de cores. Diverte
toda a familia. É um mys-
terio de cores. O melhor
resultado obtém-se girando
o pião num prato. — Preço
3800, porte 3600 — 3 por
98 livre de porte

Palmilhas Electro-magneticas

Palmilhas electricas curam quando todos os outros
remedios falham



As palmilhas electricas são hoje recomen-
dadas pelas maiores colobridades medicas, por
estar ineostavelmente demonstrando que os
pés são a parte do corpo em que a cura por
meio da electricidade é mais effizaz.
Um par de palmilhas electricas, que duram
muitos annos, fôrma um circuito ou corrente que
ajuda a circulação do sangue através das veias
e por isso é o remedio mais effizaz contra o
rheumatismo, a gotta, o arthritismo, as dores
sciaticas, as calambos e nevralgia, e outra qual-
quer dor nas pernas ou nos pés, onde é de ma-
xima importancia reactivar a circulação do sangue.

Pelo motivo exposto, as palmilhas evitam as
dores de cabeça, as colicas nas crianças e as ir-
regularidades na digestão dos adultos neurás-
thenicos, causadas quasi sempre pela frialdade
dos pés.

Com as palmilhas electricas pode-se estar
um dia inteiro pisando sobre o gelo que os pés
se conservam aquecidos.

Ninguem faz idéa da utilidade e conveniencia das palmilhas
electricas, as quaes se adaptam facilmente a qualquer calçado,
sem que seja necessario experimentar-as.

Quando se faz encomenda deve mencionar-se si ellas são
para homem, senhora ou criança, e o numero do calçado que se
usa. Cada par de palmilhas electro-magneticas custa 38000, pelo
correio mais 400 réis.

THE WONDERGRAPH

É um brinquedo me-
chanico o qual desenha
automaticamente
o que se deseja desenhar,
como por magia,
milhares de desenhos
Uma criança pode
fazer funcioná-lo. O
nosso cliê demonstra
o aparelho prompto
para funcionar.
Vira a manivela — o
Wondergraph — se
encarrega do resto.
Uma ou duas voltas
a manivela e os de-
senhos mais maravi-
lhosos apparecem
lindos e são varia-
dos que nenhum artista
se poderá imaginar melhor. Preço 6800
Pelo Correio 7800



FOGAREIROS A ALCOOL

"FAVORITE"

Produz o proprio gaz pela vaporização do
alcohol. É portatil e está sempre prompto
para uso. Desempenha mais calor que outro
qualquer fogareiro a alcohol e consome apenas
um ottavo do liquido que gastam os congenereos.
É absolutamente seguro. Não pôde haver
explosões. Não produz fumaca, nem cheiro.
Preço especial 35500
Porte 25500



Gustavo Figner

TELEPHONE, 2.131

CADEIRAS-CARRINHOS

Privilegiadas

Transformam-se em menos de 1
minuto em cadeira para sentar-se
as crianças a mesa e carrinho para
brincar. A parte inferior forma uma
mesa com lugar para muitos brin-
quedos contendo tambem quantida-
de bolhas coloridas que servem de
diversão para os crianças. Fabrica-
das em madeira torneada muito
bem envernizada e servem para cri-
anças de 1 a 8 annos.

Preços de introdução

N. 1 com enosto de fibra 24000
N. 2 conforme o desenho 22800

Os dois desenhos mostram as
cadeiras-carrinhos privilegiadas
nas duas transformações.



Cadeiras altas para crianças

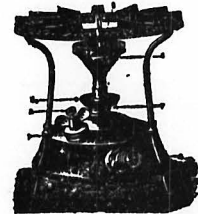
N. 3 com assento de ma-
deira 10300
N. 4 com assento de pa-
lhinha 12300

Carrinhos berços p. crianças

a 65800, 85800 e 98500
frete a pagar



FOGAREIRO SUECO PRIMUS N. 1



Consta de keroseno. Não
produz fumaca. Não tem chei-
ro. Não gasta muito.
Tem chama azul. Des-
monta-se em meio minuto.
Nas fazendas e em casas de
pequenas familias.

Substitue os grandes fogões
a lenha ou a carvão, ser-
vindo perfeitamente para es-
quentar com pouco gasto do
keroseno. É absolutamente
seguro e não ha o minimo per-
igo em seu uso.

Preço de reclame 175000
Outros modelos a 125000
e 145000

MACHINA ELECTRO-MAGNETICA "TESLA"



Esta machina
é um brinquedo
interessante e
instructivo.
Põe-se sobre a
mesa uma ba-
xia de zinco ou
outro metal e
nella uma porção
de agua.
em communicacão
com a bobina
um dos electros-
dos. Largam-se
depois dentro
d'agua uma
moeda e man-
da-se algum
tiral-a com uma das mãos ao mesmo tempo que com a outra pega
o electrode que está livre. O resultado é a pessoa tomar um
choque. Presta-se a outros brinquedos. Preço 88000 porte 28000.



Pasta dentifricia
GRANADO
A melhor para alvejar e
conservar os DENTES



GUDERIN é actualmente o remedio mais eficaz para o tratamento da ANEMIA, e Chlorose, AMENORRHEA e Flores Brancas, DYSMENORRHEA ou falta de menstruação, HEMORRAGIAS depois do parto, ESCROPULAS, OPHTHALMIA ou amarelidão, IMPALUDISMO e Malaria, NEURASTHENIA e outras molestias causadas pela POBREZA OU VICIO DE SANGUE.

É o remedio que convem ás jovens durante o periodo do seu desenvolvimento, o seu effecto é sempre seguro. Cuidado com as falsificações e as imitações!

O nosso preparado é conhecido pelo nome de "GUDERIN" que está registado em todos os tribunaes do commercio. Foi examinado e approved pela Directoria Geral da Saúde do Publico Rio de Janeiro.

"Guderin" dá Força e Vida

É o remedio soberano para combater a ANEMIA E A FRAQUEZA. Em poucos dias produz um augmento do numero de GLOBULOS VERMELHOS DO SANGUE, assim como do PESO DO CORPO!!!

Numerosas experiencias feitas em diversos hospitais da Alemanha confirmam este resultado.

Regenera o Sangue e fortalece os Nervos

O GUDERIN deve ser preferido aos outros remedios porque: 1. É um licor agradavel ao paladar; 2. É de facil assimilação; 3. Póde ser usado pelos velhos e pelas crianças; 4. Não constipa o ventre; 5. Não prejudica os dentes; 6. É, finalmente, de effecto sempre certo em todas as molestias em que é indicado.

Remette-se gratis o prospecto explicativo com os numerosos attestados de medicos e doentes que o têm usado. Unicos fabricantes e proprietarios: Alfred Gude & Cia., fabrica de productos chimicos, Berlin, Alemanha.

Unicos depositarios para o Brazil: QUEIROZ & CIA. - S. PAULO

ÁGUA INGLEZA
TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS
EXIJAM A
NOSSA MARCA
RECUSEM AS IMITAÇÕES

Indicador da Revista

DR. HANSON
Dentista e Medico
Formado pela Universidade de Pennsylvania (Estados-Unidos) e Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
PALACETE LARA, Rua Quinlino Bocayuva No. 4 Esquina da Rua Direita - Telephone No. 1767

Dr. DESIDERIO STAPLER
Ex- substituto da Polyclinica Geral em Vienna Eschete de clinica dos hospitaes, Cirurgião do Hospital da Beneficencia Portuguesa de São Paulo, operador. Molestias de senhoras.
CONSULTORIO
N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4 De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

DRA. CASIMIRA LOUREIRO
Especialista pelos hospitaes de Paris, Gynecologia, Partos e operações.
Consultorio: Rua José Bonifacio, 32. Teleph. 3929 das 13 ás 16 horas.
Res. Avenida Hygienopolis, 18 - Telephone, 912

Dr. J. FOGAÇA DE ALMEIDA
Medico - Operador - Parteiro
Rua Arouche N. 7, 9 ás 11 e ás 3

CUNHA CABRAL & Cia.
Rua de S. Bento, 35 - SÃO PAULO
Caixa do Correo, 666
Vidros, Molduras, Papéis pintados, Espelhos, Tapetes e Capachos

CASA DOLIVAS
AGENCIA DAS LOTERIAS DE SÃO PAULO E DA CAPITAL FEDERAL.
Os pedidos do interior, deverão ser dirigidos a J. Azevedo & Cia. Casa Dolivas R. Direita, 10 SÃO PAULO

FRANCISCO SCHULZ
Tapacaria e Fabrica de Venezianas. - Officina de Armador, Estofador e Tapacero. - Rua Santa Epigenia, 9 (Perto do Viaducto) S. Paulo. - Telephone, 1723

DRS. CHOUERI
Cirurgiões-Dentistas
Gabinetes - Rua 15 de Novembro, 40 A Telephone, 64

LOTERIA DE SÃO PAULO
Extrações ás Segundas e Quintas - Feiras Premios de 200, 100, 50, 30 e 20 Contos de reis. Bilhetes em todas as agencias Agentes geraes: J. Azevedo & Cia., J. Antunes de Abreu & Cia. Amancio Rodrigues dos Santos & Cia. e J. U. Sarmento.

MONTE PIO DA FAMILIA
Sociedade de Seguros Mutuos Auctorizada pelo Decreto N. 7852 do Governo Federal a funcionar na Republica.
Pecultos pagos até 15 de Julho de 1915 4,301,082\$
A primeira sociedade no Brazil que realiso o supremo ideal em seguros de vida, pagando aos herdeiros do socio fallecido qualquer que seja o numero de socios inscriptos na data do fallecimento, o pecullo de Rs. 30,000\$000
Sede: RUA QUINTINO BOCAUYVA No. 4-B Esquina da Rua Direita
Caixa Postal N. 550 SÃO PAULO

GILLETTE
Laminas Gillette
Duzia 68000
Pelo Correo 68500

AO BOTICÃO UNIVERSAL
Rua 15 de Novembro n. 7
JANUARIO LOUREIRO
S. Paulo

Byington & Co.

Engenheiros Electricistas
e Importadores

LARGO DA MISERICORDIA, 4-4-A
Teleph. 745 S. PAULO Teleg. ALTAN

FERROS DE ENCOMMAR

AQUECEDORES DE AGUA



FRIGIDEIRAS ESTERILIZADORES

TORRADORES

Os Ventiladores "WESTINGHOUSE," são os melhores - Preços razoaveis

Temos sempre em stock grande sortimento de aparelhos electricos para uso domestico - Aceita-se installações e concertos de luz - Dirijam-se á nossa Casa para preços e informações

TINOCO MACHADO & CIA.

RUA LIBERO BADARO', 52 (1. ANDAR)
TELEPHONE N. 3558 — S. PAULO

UNICOS AGENTES NESTE ESTADO DAS SUPERIORES

VELAS:

Brasileiras

Ypiranga

Paulista

Colombo

Bicho

Pequenas

E DE MAIS PRODUCTOS DA

Cia. Luz Stearica

do Rio de Janeiro



BON AMI

« Nos Copeiros, Cosinheiras,
Em todo semblante vi
Satisfação verdadeira
Por usarem BON AMI. »

E' natural esta satisfação, pois o BON AMI limpa, pólo, dá brilho e de fôrma alguma se póde confundir com os outros sabões ordinarios que são vendidos a baixo preço.

BON AMI não admite confrontos.
BON AMI não contém alcalis, nem ácidos.
BON AMI não estraga as mãos, nem deixa a pelle aspera.
BON AMI é o verdadeiro amigo das Donas de casa, Copeiras, Cosinheiras, etc.



UNICO que não
arranha
Não ha nada que
o eguale

A' venda em toda a parte

Agente geral para o Brasil: **E. F. Krischke**
Rua da Boa Vista, 30-5. Paulo

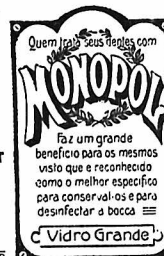
PÓ DE ARROZ BIJOU



E' O PÓ DA ACTUALIDADE
Ultima creação da Perfumaria

AMBRA

PREÇO 1\$500



Este
dentrificio
deve-se usar
sempre

Hygienico
e
Agradavel



O PERFUME DA ARISTOCRACIA

VENDE-SE EM TODAS AS
BOAS DROGARIAS

„MUTUA IDEAL“

FUNDADA EM 1910

Sociedade Brasileira de Construções
Aprovada e fiscalizada pelo Governo Federal
CARTA PATENTE N. 4

COM a prestação mensal de 5\$000 na série IDEAL, os associados concorrem a 2 premios em Immoveis, sendo o primeiro de 20 contos de réis e o segundo de 5 contos.

Na série C a contribuição mensal é unicamente de 2\$000, e os associados concorrem a 13 premios em immoveis, no total de 11:240\$000, quando completa, sendo o primeiro premio de 10 contos de réis e 2 de 500\$500 cada um.

Na série EXTRA, ultimamente creada, a prestação é de 5\$000 mensalmente, e tem 4 premios em immoveis, sendo o primeiro de 10 contos de réis, e 3 de 5 contos, quando completa.

A "MUTUA IDEAL" acaba de effectuar pagamentos de peculios em: Curitiba, Santa Victoria do Palmar, Banharão, Recife, S. João Nepomuceno, Campinas, Estação José Paulino, Olinda, S. Paulo, Guaratinguetá e em outras localidades.

Factos, não palavras !!!

Todos os documentos estão na nossa séde, á disposição dos srs. associados.

A "MUTUA IDEAL" já distribuiu entre os seus associados, premios que attingem a mais de 2.500 contos de réis.

A "Mutua Ideal" já effectuou reembolsos cujo total vae além de 60 contos de réis.

Peçam Prospectos e Informações á Séde Central
N. 53 RUA LIBERO BADARO' N. 53
Caixa Postal, 1234 - End. Electr. "MUTUA IDEAL"
Telephone, 3740 S. PAULO (BRAZIL)

É CHEGADA A HORA

... de comprar terrenos na CRISE para os vender daqui a um anno, na ALTA, quando terminar a guerra... Os melhores terrenos, os mais vendaveis e mais baratos de S. Paulo são os da

VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antartica. A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e trezentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antartica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco: -- Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia, Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorização fatal; fica no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

Em 18 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser installado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas da Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabido a valorização dos terrenos abastecidos d'agua.

Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DINHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, SEM JUROS, a praso muito largo, com qualquer prestação mensal. E' um negocio ideal; o terreno valorisa-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque augmenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais intelligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra europea e a miseria subsequente a immigração augmentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa. E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia.

Para informações; Na Companhia Urbana Predial

Escritorio: Largo da Sé, 3 (sobre-loja)

BANCO DE NAPOLES

(Instituto emissor do Reino Italiano)

Autorizado a assumir a tutela, emprego e transmissão de economias dos immigrants Italianos, nomeou, em data de 1. de Junho de 1915, sua correspondente officiosa no Estado no Estado de São Paulo

A Sociedade Anonyma Industrias Reunidas F. Matarazzo

a qual desde esta data recebe: as sommas que devem ser pagas por conta de terceiros; as que devem ser depositadas nas Caixas Economicas, Banco de Napoles e Caixas postaes e as que devem ser empregadas em outras maneiras. Das sommas versadas se entregam recibos que trazem as indicações das quantias em liras Italianas, do cambio e do total em mil reis, que effectivamente se pagou.

RECEBEM-SE DEPOSITOS EPI CONTAS CORRIENTES

VERMOUTH
E VINHO
QUINADO

CINZANO

TORINO

(ITALIA)

TYP. H. GROBEL
Rua Aurora N. 3-5
:: SÃO PAULO ::